







5 (ALENCAR, José de) — O Protesto. Vol. 1-1 a vol. 1-5. — (Rio de Janeiro), Imprensa Industrial, 1877. 5 partes em 1 vol. in-8.º, 80 pp. Enc. em 1/2 tela vermelha. Muito raro!

Blake V, pág. 80.

Segundo Tancredo (Achêgas a um Dicionario de Pseudonymos, pág. 195), este jornal foi publicado por José de Alencar juntamente com seu irmão, Leonel Martiniano de Alencar, e com Felix Ferreira.



070 (81)  
ALE

## O PROTESTO

Sucedem-se desde algum tempo factos estranhos, dos quaes uns passam desapercibidos como acontecimentos ordinarios na existencia dos povos, e outros são recebidos com um concerto de applausos.

Algumas consciencias poré se confrangem-se com a indifferença da opinião e ainda mais com os enthusiasmos que levantam certos escandalos, e a pompa de que se arreiam.

O *Protesto* é o orgão destes escrupulos ainda não embotados pelo materialismo que invade todas as relações da vida social e politica.

Faltando-lhe os meios para reagir e lutar, ao menos irá registrando em suas paginas os surdos reclamos da verdade ultrajada que a historia desaffrontará algum dia.

Já se vê que esta publicação não tem a menor veleidade de impor-se, nem conta exercer alguma minima influencia nos destinos da sociedade brasileira.

Bem longe disso.

Em vez de apresentar-se como orgão da opinião, titulo que o uso tem deferido aos jornaes, este, se jornal é, propõe-se ao inverso a arrostar a opinião.

Não pensa em requestar o publico; antes carece de abstrahir d'elle e esquece-lo, afim de seguir desassombrado seu caminho, sem que o deslumbrem as fascinações da popularidade.

Qual sorte espera uma publicação que desta arte despreza todos os elementos de voga e exito?

E' ponto de que em verdade não cogitamos ao emprehender esta revista e que ainda agora não nos preocupa.

O *Protesto*, como o diz o seu nome, não é uma propaganda, mas um desabafo; não é uma aggressão; póde ser quando muito uma resistencia.

A convicção, como a semente, em achando seiva rebenta fatalmente. Es-maguem-lhe embora o broto; hade nascer; é o seu destino.

Esta publicação pois cessará quando mingoar a força propria de que se alimenta; cessará para volver depois e de novo desaparecer.

Mas se o jornal morre, se o publico tem o poder de asphixiar o livro com o seu indifferentismo; a idéa, essa é immortal; e o Prometheu moderno, Guttemberg, deu-lhe as azas com que ella remonta-se á eternidade.



O Brazil, entre outros, possui um jazigo de livros, que foi outr'ora a bibliotheca nacional, a qual hoje com mais sinceridade apellida-se imperial.

Ahi por generosidade dos regulamentos ministeriaes, o mais subversivo dos escriptos tem logar obrigado.

Ahi jazerá o *Protesto* a par dos varios tomos da litteratura official e administrativa.

Além dessa, ha pelo mundo outras bibliothecas de onde se tem extrahido documentos importantes de nossa era colonial. Talvez que a exemplo de seus avós, nossos netos lá vão com mais juizo e menos desperdicio estudar a historia contemporanea; a verdadeira historia acontecida, e não essa que se está fazendo por empreitada do governo.

Talvez tambem se lembrem de traduzir em lingua estrangeira alguma pagina desta revista para contraste da litteratura poliglota que a secretaria da agricultura sagazmente inventou, com o fim de tornar o Brazil ainda mais desconhecido na Europa.

Tudo isto é possivel; mas nós é que não edificamos sobre esse futuro.

Temos intuitos mais modestos; basta-nos a satisfação de perturbar o extase seraphico dos gloriosos do dia.

Outra singularidade desta publicação é não ter programma. Não promette cousa alguma; não faz profissão de fé, nem dá arrhas de sua justiça e imparcialidade.

Os autores são homens; escrevem com seus impulsos, com seus erros e paixões.

O que elles garantem é que sua palavra será a expansão de convicções proprias. Dirão o que sentem e o que pensam aos amigos e aos indifferentes, como aos outros.

Bem desejavam saber a arte das conveniencias e possuir a alma de Tacito para escrever *sine ira et studio*; mas essa grande serenidade do historiador não a podem elles ter presentemente e não a querem simular. Por isso escolheram para sua epigraphe o mote de Juvenal:—*Facit indignatio versum*.

De feito nossa musa é a indignação; preferiamos que fosse outra menos acerba, a mofa ou a ironia; e não cessaremos de invoca-las para que nos inspirem os risos de Cervantes e Rabelais.

Esta publicação terá uma parte litteraria; é seu complemento necessario.

A litteratura sempre foi a mais eloquente physiologia de um povo; e ha de sel-o tambem no Brazil, apezar das duas litteraturas emprestadas, uma do paço e outra do reino, que andam á disputar entre si o monopolio da nacionalidade.

## O ANNO DE 1876

*Operosè nihil agunt.*

SENECA.

Terminou um anno.

Um anno é apenas um passo na vida das nações.

Esse passo o Brazil o deu. Mas, como nos annos anteriores, não caminhou.

Pisou o mesmo terreno, a que uma vontade omnipotente o encadeou como a um servo da gleba imperial.

Na arte militar chama-se a esse andar estacionario, marcar o passo. É o exercicio dos recrutas que aprendem a marchar.

O Brazil, de quem á força pretendem fazer um recruta do progresso, teve este anno a honra insigne de servir-lhe de instructor, não um sargento de companhia, porém um marechal do exercito.

E' verdade que sobre este particular conta-se uma anedocta.

O marechal está velho e achacado. Sua espada gloriosa já não mostra senão a bainha dourada,

E' o sargento da companhia, quem envergando as dragonas de seu general, expede as ordens do dia, detalha o serviço, distribue os soldos e as etapes; quem finalmente recebe as continencias.

Para isso paga-lhe o marechal pré dobrado; elle ganha por dois sargentos.

A chronica do anno que findou seria longa e monotona; á excepção de alguns escandalos, não passa ella da repetição de manejos politicos já mui sedições, e da cançada meada administrativa em que se exhaurem a nossa riqueza e as nossas forças; a laboriosa esterilidade de Seneca.

Fora mister um grosso tomo para registrar todos os regulamentos prolixos, todos os avisos inuteis que forjaram as secretarias; e além dessa bagagem official, os discursos proferidos nas sociedades, nas inaugurações, nos jantares, nas ovações, nos enterros.

Quando a posteridade, se tiver a pachorra de occupar-se deste nosso tempo, lembrar-se de estudar a vida actual da cõrte e do imperio, não carecerá de outra fonte além do discurso.

São incontestavelmente os mais importantes documentos da nossa sociedade. Não ha acto hoje em dia que não seja assignalado por um feixe de discursos

Nesses raptos de eloquencia desenham-se primeiro os oradores, que exaltam-se promiscuamente; depois os auditores, que os applaudem; e por ultimo a população que lhes serve de pedestal.



Deu-se na chronica deste anno um factó que não é frequente ; a ausencia do nosso augusto soberano, que viaja pela Turquia.

A' semelhança de Gladstone e outros homens publicos de Inglaterra, o primeiro estadista do universo e portanto maior do que Leopoldo I que o foi só da Europa ; o sr. D. Pedro II, quiz estudar a questão do Oriente sobre o terreno.

Se elle a resolver com o mesmo tacto de que deu prova na questão italiana, propondo-se a mediador entre Pio IX e Victor Manoel ; qual não será a gloria deste Brazil ?

Quando o grande imperio americano não tivesse existido senão para crear o sr. D. Pedro II, o homem-mundo ; elle teria cumprido a sua missão e podia voltar ao nada com todo esse cortejo de astros, que se descobriram ultimamente, e a que deram os nomes illustres de Cotegipe, Rio-Branco e outros planetas imperiaes.

A ausencia do imperador, porém, não passou de um accidente minimo, sem influencia no governo do paiz. Nosso monarcha, aos outros attributos divinos reúne o da *omnipresença*. Onde quer que ande está no Brazil ; e estando no Brazil, acha-se na côrte, como em toda a parte do imperio.

Sua Magestade tem desde certo tempo um primeiro ministro mais imperialista que o sr. Caxias, mais diplomata que o sr. Cotegipe, mais imperceptível do que o sr. . . . Quem hade ser ? Qualquer para não haver engano.

Estegrande estadista é o *Telegrapho electrico*, do conselho de Sua Magestade o Imperador, ministro e secretario de estado dos negocios de todas as pastas.

Com este ministro e o Visconde do Bom Retiro, o imperador pôde commodamente governar o imperio, sem distrahir-se das suas explorações ás cata-ractas do Nilo, ou de suas investigações pelos campos *ubi Troja fuit*.

Quem durante o anno findo podia notar a falta do nosso augusto soberano eram os palacianos que vão todos os sabbados receber a santa eucaristhia imperial. Mas o brilho do throno os fascina por modo, que elles não podem distinguir a fórmula corporea com que a magestade se desvenda a seus olhos mortaes.

Quanto ao paiz, esta circumstancia passou desapercibida ; e se não fossem as indiscrições dos jornaes, muita gente ainda agora cuidaria que Sua Magestade em vez de andar lá pela Asia traduzindo o grego de Homero com um sabio allemão estava traduzindo o allemão de Gøete com um sabio grego no Paço de S. Christovão.

Eis a chronica do anno, tudo o mais reduz-se ao factó diverso, á parte policial, e ao obituario, que são as ephemerides habituaes da imprensa.

A historia de 1876, essa é breve, e escreve-se no estylo de Syèes ; *sem frases*.

Esbanjou-se o dinheiro publico a pretexto de melhoramentos materiaes ; fizeram-se contractos ruinosos para o estado ; contrahio-se um emprestimo desgraçado ; crearam-se empregos superfluos ; distribuiram-se novos brazões e maiores propinas ; elegeu-se a futura camara ; construiu-se uma montanha de papel ; e finalmente poz-se o remate á obra prima da situação.

Consummou-se o deficit.

Deficit no thesouro ; deficit na moralidade publica.

O do thesouro é enorme ; sobe a muitos mil contos.

O da moralidade, quem o póde avaliar?

---

## O COMMERCIO

Não ha mais viva manifestação da liberdade do que seja um commercio activo e florescente.

Antes que os monumentos, as estatuas, os museus e outras galas da civilização ; antes que os parlamentos, os comicios, e os tribunaes, onde impera um povo soberano ; elle, o commercio, elle primeiro annuncia ao estrangeiro o estado da nação, e a justiça das suas leis.

O seu desenvolvimento attesta a garantia da propriedade, e o impulso vigoroso da iniciativa individual. Os productos abundantes enviados aos varios pontos do globo, levam á toda a parte o documento não só da riqueza do paiz, como da franqueza e sabedoria de seu systema economico.

O commercio brasileiro ainda prospera.

Apezar das pêas que o Estado não tem cessado de lançar-lhe, elle é de todas as forças nacionaes a menos abatida pelo marasmo que primeiro atacou a politica, e agora já invadio a sociedade.

Tal é a pujança deste paiz, que a industria mercantil, embora agrilhoada por leis compressoras, ainda assim ergue-se valida, e resiste ao funesto regimen, que procura doma-la, para sugar-lhe, como um vampiro, a sua melhor seiva.

Que seria o commercio brasileiro, se em vez de financeiros que esbanjam seu talento em complicar tarifas, distribuir saques, e contrahir emprestimos ; nós tivéssemos na presidencia do thesouro homens de bom senso que applicassem á causa publica as regras simples e comésinhas de qualquer casa de negocio bem dirigida?



Ser ministro assim para o trivial, parece que rebaixa os nossos Fouquets; uma administração financeira esplendida é aquella que augmenta a divida publica, exagera o imposto, multiplica as taxas; e afinal deixa o thesouro ainda mais cahos do que elle já é originariamente.

Estudaremos depois, pelo deante, a nossa organização financeira e administrativa, de que só nos occupamos agora em relação ás medidas restrictivas do commercio.

E' um facto patente, a compressão que o Estado exerce sobre essa industria; e que se manifesta pelas varias fórmas do Protheo administrativo chamado monopolio: pelo privilegio, pela protecção, pela tutela, etc.

A alfandega no Brazil, bastaria, se o nosso paiz não fosse tão rico, para estabelecer em plena paz o bloqueio de nossos portos, e restaurar com maior segurança talvez o antigo regimen prohibitivo dos tempos ditos de El-rei, nosso Senhor.

Além das taxas usurarias da tarifa, augmentadas pelo capricho ou ignorancia dos empregados; acresce um expediente abstruzo cheio de acintes e protelações, que rouba a paciencia e o tempo ao negociante para quem especialmente se fez o anexam: *Time is money*.

Si o contrabando fosse uma cousa desconhecida, o monstruoso regulamento de nossas alfandegas com certeza o inventava.

Para o commercio interno as tarifas das estradas de ferro administradas e subvencionadas pelo Estado vão levantando novas barreiras, com o excessivo custo do transporte, que otera os nossos productos, como os estrangeiros, e mata a pequena lavoura.

O espirito de associação, que é um dos poderosos motores da industria, o Estado o enervou, attribuindo-se a prerogativa de outhorgar a licença para as sociedades anonymas, fôcos para onde convergem os pequenos cabedaes civis, que vão assim oppulentar o fundo circulante.

Obstando a livre organização das commanditas por acções, com ou sem gerencia solidaria, o Estado ao passo que tolhe a iniciativa individual, e faz de um direito commum um favor para os protegidos, nem sequer desempenha-se lealmente da fiscalisação a que se obrigou em compensação da liberdade cerceada.

O cidadão soffre todas as protelações e ambages da nossa administração; cança de esperar a approvação de uns estatutos submettidos ao conselho de estado e que ali criam môfo por causa as vezes de uma questão de grammatica; perde a opportunidade de uma empreza, que logram outros mais sympathicos: e ao cabo de tudo isto o que obtem o commercio em vantagem sua?

Ahi andam a granel as companhias fallidas e as emprezas fantasticas, meio engenheiro de crear valores ficticios. As acções dessas sociedades jazem como cauções mortas nas carteiras dos bancos, e vão accumulando, com outros titulos

identicos, os elementos de uma crise semelhante a de 1864 e a de 1875, senão mais perigosa.

Os especuladores riem-se, murmurando a frase de Luiz XV á Pompadour: *apres nous le deluge*; e o governo assiste impassivel ao escandalo que é obra sua. Elle que tem a chave para abrir esses bancos e companhias, em proveito dos organisadores; não acerta com a fechadura para salvar por uma liquidação prompta e severa os destroços das economias dos accionistas illudidos.

Não era melhor deixar que nos enganassem, e nos explorassem, de homem a homem, sem a cumplicidade do governo?

Nem é tudo.

O credito, a alma do commercio, o estado o erigio em monopolio, com que obsequiou ao Banco do Brazil dando-lhe o privilegio da emissão; e isso com o mesmo descuido e indiferença com que deu aos empreiteiros a faculdade de bater moeda por meio das acções.

Outrora ainda o presidente desse Banco era nomeado pelo governo, que alem disso tinha ali um fiscal. Mas os arrendatarios dessa sucursal do thesouro serviram-se do sr. Visconde de Inhomerim para obter a sua emancipação; e hoje levam o arrojo ao ponto de jogar na praça a baixa das apolices para metter pirraça ao ministro.

Promover por despeito, com o proprio dinheiro a baixa dos fundos publicos de seu paiz, não é patriotico. Se, como disseram malevolos, o dinheiro fosse dos accionistas estranhos a semelhante jogo, mais grave seria o facto.

As apolices vendidas não foram, não podiam ser do Banco; e isso hade patentear-se opportunamente para justificação plena da directoria.

Em resumo, quando já nos illuminavam os esplendores da civilização, tornamos aos tempos mythologicos.

O commercio brasileiro em vez de ser presidido pela deusa augusta da liberdade, voltou a ter por patrono Mercurio, o mensageiro de Jupiter, com o caduceo que adormece a iniciativa individual, e os talares com que se remonta ao Olympo da rua do Sacramento para obter a preferencia dos saques, dos fornecimentos, das corretagens, dos pingues contractos, e outros favores.

---



## EXHOMEM

Este romance não é como o Jocelyn de Lamartine uma obra de sentimento ; mas um livro de razão. Não foi escripto para commover ; só aspira convencer.

Talvez seja elle em nosso paiz um precursor e lhe esteja reservada a honra de renovar o repto corajoso que outrora lançou Feijó contra a mais impia e absurda das superstições.

Essa superstição hade cahir como cahiu em todas as religiões que ousaram aleijar a imagem de Deus na terra.

Ha seguramente cinco annos que este livro foi esboçado e em parte escripto ; faltava-lhe um titulo, que appareceu com a vez de publical-o.

*Exhomet* é um neologismo, mas de boa e pura fonte portugueza. Litteralmente exprime o que já foi homem.

As paginas que seguem dirão si a palavra era necessaria para designar essa outra especie e a mais cruel do androgyno.

SYNERIUS

## Nota da redacção

Recebemos ha dias este manuscrito de pessoa desconhecida que não sabemos como aventou o projecto da publicação deste jornal.

O nome que o assigna deixa-nos em completa ignorancia acerca de sua posição na sociedade como na litteratura brazileira.

Ha toda a razão de crer que não seja um nome ; mas um pseudo ; e nesse caso revelaria por ventura seus intentos.

Em todo o caso, como o nosso fito : é agitar salutarmente a opinião para arrancal-a ao profundo marasmo, em que jaz, acceitamos a collaboração do incognito romancista, sem nenhuma solidariedade de convicções.

O topico é energico : mas será elle um remedio, e sobretudo nestes tempos em que a philosophia positiva ataca a santidade do casamento e supprime a familia ?

## LIVRO I — O DESCONHECIDO

## I

Por ameno e formoso valle serpea o rio das Flôres em cujas aguas mira-se a prospera Valença, a mais louçã das cidades ruraes da provincia do Rio de Janeiro.

As margens do pittoresco rio, outr'ora alcatifadas com os festões das acacias e as grinaldas de sempre-viçosas, cobrem-nas agora extensos cafesaes e fabricas de importantes fazendas.

A borda do caminho que vae de Valença a Ipiabas, cerca de duas leguas da villa, demorava uma casinha rustica de porta e janella, inteiramente isolada.

A pequena distancia, na quebrada, via-se uma venda com poucos, onde frequentemente descansavam tropas e viajantes; e além para dentro descobria-se o tecto de uma choupana.

As mattas adjacentes que então bordavam a estrada pertenciam á fazenda da *Soledade* em cujas terras achava-se engravada a pequena situação.

Em uma linda manhã de setembro, haverá trinta annos, duas pessoas seguiam pela vereda que enredava-se na matta, á esquerda da estrada.

A que ia adiante era um menino de treze annos, vivo e esperto, de agradável phisionomia, afogueada então pelo açoitamento do passeio matinal, como pelo sainete de uma travessura de rapaz.

A outra pessoa era uma encantadora moça de vinte annos. Arregaçando o vestido para acompanhar de perto o guia, mostrava o mais feiticeiro pé de menina, o qual apenas tocava a relva como si a affagasse, e logo fugia no passo rapido e subtil em que se embaçava o talhe airoso, á semelhança dos junquillos agrestes que tremiam sobre a haste ao afiar do vestido de casa.

O semblante formoso trazia-o banhado no riso que manava-lhe dos labios floridos e lhe aljofravam de mimos as faces avelludadas de rosea pubescencia. Nos olhos de ordinario afogados em inefavel ternura, scintilhava-lhe naquelle momento um raio de malicia e curiosidade.

Ao cabo de algumas voltas a vereda surdia em um raleiro para logo embrenhar-se de novo na espessura. Por essa aberta avistava-se longe entre a folhagem a casinha rustica, assentada á beira da estrada.



— Olhe a casa, mana! disse o menino apontando.

— Alli? exclamou a moça. Não é a *Cachoeira*?

O menino afirmou com um aceno de cabeça e continuou na batida em que ia. De repente, porém estacou, e voltando-se para a irmã com o dedo atravessado na boca e um gesto brejeiro, murmurou:

— Moita!

— É elle? interrogou a moça tremula de susto e arripiando o passo.

— Está perto.

Caminhavam agora os dois em silencio, não mais de corrida, porém a medo, em ponta de pé, de leve, para não estalar a folhara-da secca, e furtando o corpo aos galhos que podiam ramalhar.

Chegou o menino a um fragedo que surgia da selva como um enorme reptil, e enfiou os olhos pela fenda estreita que havia no penhasco.

Logo que afirmou a vista, dirigiu á irmã um aceno, recomendando-lhe ao mesmo tempo com gesto expressivo cautella para evitar o rumor.

— Deixa-me ver, Carlinhos! disse a moça anciosa e arredando o irmão.

— Lá, perto do ribeirão.

— Já vi!

Passando atravez da fenda do penhasco, o olhar da moça deramou-se por um prado que abria-se no seio da floresta ás margens de um arroio.

Era o sitio agreste e magestoso. A penha que emergia da matta formava o socco, onde assentava a sublime arcaria da selva americana. Em face o ribeirão, despenhando-se da lapa, rolava em borboções de espuma pela cachoeira.

Ao lado jazia o tronco derreado de um grosso jatahy que abatera ao peso da copa ingente á semelhança dos reis que succumbem ao fardo da corôa.

Ainda prostrado, porém, o monarcha da floresta conservava a regia pompa. Arraigado ao solo pelos garfos de uma raiz, lançava ao ar um galho que frondava, arvore nova brotando da arvore mãe, e prometendo breve excedel-a na grandeza.

Estava recostado no tronco do jatahy, como em rustico espaldar, um homem absorto na leitura do livro que tinha aberto deante do rosto e que ás vezes pousava sobre os joelhos, engolphando o olhar no azul diaphano do horizonte.

No momento em que os dois irmãos chegavam á orla da matta, o desconhecido erguia-se deixando o volume aberto em cima do tronco. Deu alguns passos pelo gramado e concentrou-se.

Tumultuavam em seu espirito idéas que perpassavam arrugando-lhe a fronte, como os lufos da brisa quando arrufam a limpada face do lago.

Nesse recólho, sua organização estava como refrangida para o intimo. Mas quando, logo apoz, alçou o talhe, como se entrasse na possessão de si mesmo; ostentou-se a opulencia de sua possante individualidade.

Foi nesse momento que o viu a moça; e que sua imagem gravou-se-lhe para sempre na alma.

Na flôr da idade que expendia sua belleza varonil, tinha o mancebo a magnitude de compleição, a que pôde attingir o estalão da raça humana, sem agigantar-se.

De grande estatura e porte amplo, a robustez de seu corpo, vassada no molde esculptural da fórmula viril, era como que cinzelada pela flexibilidade dos movimentos e elegancia do gesto.

As intelligencias superiores, como a daquelle mancebo, debutam-se na estatua de argila que ellas animam; e imprimem-lhes no vulto essa eloquencia da forma que é a magestade do homem.

A cabeça firme e excelsa annunciava a ascensão d'alma que se erige sobre a terra projectando-se á eternidade e ao infinito. Era a fronte vasta e proeminente o solio da razão augusta.

Os olhos serenos, inalteraveis, banhados em profunda limpidez nunca torvada pela menor sombra, illuminavam-se de luz etherea. Nas faces rigidas, ovaes, ligeiramente bombeadas, estampavam-se a placidez da consciencia, e a vontade inflexivel.

A boca de correcto desenho, sacrario do verbo creador, revia a flor d'alma; porém nunca a desairava o riso animal. Ainda cerrada e muda, mostrava em seu harmonioso relevo, o molde da palavra sublime.

Sua mão nobre alliava a força á supremacia do gesto com que a razão attesta o seu imperio. No pé de fórmula pequena, e delgada, estava indicando a natureza, que não dera á essa organização privilegiada, uma base para apoiar-se no solo, mas um axe sobre que se elevasse acima dos homens.

O escultor que por ventura desejasse plasmar no marmore a imagem dos antigos atletas, que triumpharam ao mesmo tempo nos circos e nas academias, não acharia mais perfeito ideal desse consorcio da intelligencia e da força que distinguuiu o maior genio da antiguidade, o divino Platão.

*(Continúa).*



## BEOTICES

Sou beocio; nasci na terra dos simplorios, e respirei no berço aquelle ar espesso de que falla o poeta Horacio: *Baotium in crasso jurare aere natum*. 1ª Ep. liv. 2º — 244.

Dizem que a minha terra tirou o nome de *bos*, o boi, que o phenicio Cadmo sacrificou aos deuses quando á ella aportou. E' por isso que seus filhos tem o espirito lerdo.

Creio que fomos nós os primeiros homens a quem chamaram *pés de boi*, porque sabem onde pisam.

A Beocia teve poetas como Pindaro; politicos e generaes como Epaminondas e Pelopidas, mulheres como Corinna, e philosophos como Cratès. Suas muralhas foram construidas por Amphião a cujo canto diz a fabula que as pedras obedeciam, symbolizando assim a sabedoria e eloquencia desse rei que edificava com sua palavra.

Mas a minha terra não foi como Athenas governada por homens que per-tenciam a cortezãos; nem insultou os seus melhores cidadãos e os assassinou para ter o gosto de erigir-lhes altares. Nunca Thebas endoosou os Alcibiades, e nenhuma Phrinéa conquistou jamais a absolvição em nossos tribunaes levantando até os peitos a fralda de sua tunica. Então não havia camisa.

Os elegantes Athenienses reconhecendo que nós os Beocios eramos incapazes de comprehender aquelles atticismos, começaram a ter-nos em conta de uns lorpas e ainda hoje em linguagem fina para definir bem qualquer pascacio diz-se que é um beocio.

Mas eu não sou desses beocios por methaphora; e sim um verdadeiro compatriota do vencedor de Mantinéa.

Depois saberão como voltei do outro mundo, não ao meu antigo, mas a este novo que ainda não existia no meu tempo; e porque me acho cidadão desta Athenas brazileira, e feito jornalista, coisa tambem nova para mim.

Agora tenho que serzir esta chronica.

♦♦

Publicou-se, ha dias, uma noticia da mais alta importancia. O visconde de Bom-Retiro pedio a sua aposentadoria de presidente da Caixa da Amortisação.

E eu que suppunha que esse emprego já era para o illustre senador uma boa aposentadoria na côrte?

No dia da noticia encontrei com um Nestor do Supremo Tribunal que podia ser pai do sr. Figueira de Mello, mas jurou morrer no seu posto; e tem razão porque apesar dos oitenta elle já não está velho, nem surdo, nem cego; entrou na segunda infancia.

O homem estava realmente assustado.

— Sabe que o Bom-Retiro aposenta-se? E esta!...

— E' verdade, sr. conselheiro. O nosso visconde naturalmente deseja integrar-se todo ao estudo do grego antigo e moderno para continuar as suas esca-vações archeologicas das ruinas de Troia e de Athenas. V. ex. sabe que elle é presidente do Instituto Historico.

— Mas então o Imperador também pretende aposentar-se ?

Fiquei ainda mais beocio do que já sou ; e raspei-me. Mas logo ao deante ocorreu-me uma sahida, e de longe mesmo gritei ao conselheiro :

— Sua Magestade sabe tudo ; não carece mais estudar.

Confesso que tenho orgulho de ser subdito do primeiro sabio do mundo ; mas também sinto meus ciumes quando o vejo gastar a sua sabedoria com a Turquia e o Egypto, deixando-nos aqui na escola primaria do sr. de Cotegipe.

\* \*

A proposito, acode-me uma reflexão acerca de titulos. Parece que elles também são antitheses, como os nomes.

Crismar-se um homem de barão ou visconde de Bom-Retiro ; arranjar um brazão appropriado ; e em vez do remanso tranquillo onde goze as delicias do — *Deus nobis hæc otia fecit* ; empunhar a mala e ir-se pelo mundo a fóra sem descanso, á semelhança daquelle meu amigo Sancho ; é sem duvida um capricho da fortuna.

Espera-se que o illustre visconde na primeira fornada de fidalgos tome o exemplo do sr. de Jaguary ; e reclame para si o titulo muito mais adequado de marquez da Boa Viagem.

Outro titular nada consoante é o sr. de Cotegipe.

Segundo os entendidos, Cotegipe significa lugar de cotias.

Ora um tal baronato assentaria em um caçador, mas nunca em um ministro da fazenda e ainda menos em um diplomata gameiho.

Si já estivesse creada a cadeira de tupy, não se dariam disparates deste jaez ; e o sr. de Jaguary não seria visconde do Rio da *Onça*, nem o sr. de Araçagy — barão dos *Araçás*.

\* \*

Ao passo que Portugal vae perdendo os seus duques, nós felizmente conservamos os nossos.

O Brazil possui duas casas ducaes ; a do duque de Caxias, e a do duque Estrada. O primeiro foi creado pelo imperador que não precisou de lei para isso, nem para outras cousas. O segundo data de tempos remotissimos, naturalmente desde que abrio-se a primeira estrada.

Esta segunda casa tem diversos ramos sendo o mais illustre o do nobre duque Estrada-Teixeira que foi ha dias alvo de uma esplendida manifestação popular. Terno e sublime amplexo entre a aristocracia e a democracia.

Meu filho que é ainda mais beocio do que eu, pergunta-me porque qualquer individuo póde chamar-se duque-Estrada, entretanto que prohibe-lhe o codigo assignar-se marquez, conde ou barão Fulano. Agora sobretudo que é moda juntar o titulo ao proprio nome porque não hade ter um cidadão a liberdade de annunciar-se — Manoel barão de Souza.

— Não sei lá disso. Informa-te na policia, rapaz. A mim o que me parece é que barão ou visconde do proprio nome, isto é, de si mesmo, não passa de uma simplicidade ; o sujeito fica assim a modo de coisa.

\* \*

Como disse, o illustre duque Estrada teve uma ovação estrondosa.



O orador do povo começou declarando que era *uma sombra* encarregada de *cumprimentos a um astro*.

Quanto ao astro não digo nada ; o illustre duque-Estrada tem realmente um aspecto de lua cheia, quando resplandece no céu. Mas a sombra ?

Devia ser muito espessa e carregada para ficar sombra junto do astro, a menos que este não fosse de papelão dourado.

Continuando, o orador consegue fisgar lá no céu o astro Teixeira e arremessando-o á terra exclama em um arroubo de eloquencia :

« S. ex. é moço ainda ; mas já é um pincaro. »

Ficamos sabendo que os pincaros nascem velhos. Agora o ponto de semelhança entre o nobre duque e o pincaro ; esse é muito sublime e nos espaca. Á não ser pela calva, não vejo que o amavel e popular deputado tenha cousa alguma do abrupto e escarpado daquellas eminenciãs.

O sr. do Rio Branco este sim com os seus oito pés de estatura, podia ser proclamado o pincaro do banquete ; mas o orador guindou-o ao céu, para onde tornou a mandar o nobre duque, assim a maneira de uma peteca.

« É bom que as grandes estrellas se encontrem ; assim fica o céu mais esplendido. »

Até agora ensinava a astronomia que o encontro de duas estrellas produzia pelo menos um eclipse, quando não era um cataclismo.

Mas a estrella Rio Branco e a estrella Teixeira são como a isca e o fuzil, que batendo um no outro tiram fogo.

O sr. Rio Branco, depois de ter a insigne honra de servir de azas ao sr. Guanabara, ficou sendo conhecido na historia por *estadista-astro* ; e o Observatorio já está procedendo aos estudos necessarios para determinar as phases desse planeta, e saber em que funesta conjunção elle se achava quando condeceu a um só banco dez mil contos de saques.

Todo o resto do discurso publicado no jornal do Commercio de 19 de Dezembro é da mesma arreatadora eloquencia. Mas nada como aquella methaphora atrevida em que o orador assegura (textualmente) que *os seus vacuos serão cheios pela grandeza do sr. Rio Branco*.

\* \*

Outro discurso, e discurso de outra sombra.

O presidente interino do Instituto Historico figurou a sessão solemne daquelle sociedade um painel *buonarotico*. Recommendamos este novo termo ao sr. João Cardoso, procurador fiscal da Sociedade Regeneradora da Lingua Portugueza.

Miguel Angelo entre outras obras pintou na Capella Sextina um *Purgatorio*, onde por signal metteu certos cardeaes com quem embirrava. Não é este de certo o painel do Instituto.

Eu daqui o estou vendo cheio de vultos homericos, de Achilles, de Heitores, de Ajaxs, uns romanticamente arripiados como o sr. Homem de Mello ; outros classicamente rapados como o sr. Candido Mendes.

O sr. Macedo declarou-se a *única sombra* no meio dessa luminaria geral ; e carregando a mão chamou-se de infeliz figura, ruga de velho em cara de moço, e não sei que horrores mais.

Cumulo de modestia ! Eu que já vi uma vez a galeria viva do Instituto,

posso assegurar que o sr. Macedo, apesar de já não ser o heroe da Moreninha, fica um Antinão no meio de seus socios.

Tambem o sr. Macedo usou de uma comparação geologica. O sr. do Bom Retiro é um Itatiaia; e elle a collina mais baixa. *Qual junto de um penedo outro penedo.* A planicie é que estamos por saber quem é.

O illustre presidente deu-nos o jubilo de ouvir que o Imperador ao partir DEZ VEZES recommendou: « Cuidem do nosso Instituto. » — *Dez vezes!* Foram contadas, e archivadas no livro de ouro. Aposto que os ministros não se benzeram com esta augusta insistencia a proposito dos negocios publicos.

« Nosso Instituto!... » Fraternal democracia, disse o sr. Macedo; e eu exclamo. « Oh! terna, oh! sublime, oh! deliciosa fraternidade! »

Ficamos scientes de que o sr. Conde d'Eu, ouvindo os elogios do Instituto póde dizer: — *Res nostra agitur.* Em portuguez: — Isto aqui é nosso. Nós é que temos direito de fazer a historia.

Eu porém, como beocio, acredito que Sua Alteza prefere a espiuosa lingua natal a aquella latim da artinha; e si alguma citação mental elle fez na sessão solemne foi a de Voltaire: — *Et voilà comme on écrit l'histoire.*

♦♦

O sr. Aprigio Guimarães escreveu em uma circular que se fôra candidato se comprometteria a arcar *não por mão, pé por pé* com a questão religiosa.

Arçar mão por mão, pé por pé, quer dizer pegar queda de corpo. O sr. Christiano Ottoni gostou da expressão e copiou *essa frase primorosa.*

O publicista pernambucano immediatamente gritou lá do Recife. — Alerta estou! e mandou publicar o seu grito no *Jornal do Commercio* de 20 de dezembro.

Começou reparando que o sr. Ottoni tendo-lhe dado em 1869 de *gratificação* um elogio a proposito de seu discurso no Gabinete Portuguez de Leitura, só agora em 1876, *depois de longo intervallo* se lembrasse de dar-lhe outro elogio. Mas em compensação esse foi gratificação e ordenado por junto; foi um *fulgentissimo testemunho* etc, etc., etc.

O artigo contem cousas preciosas. Diz que o sr. Octaviano quiz metter o seu centro em Pernambuco; mas o sr. Aprigio respondeu-lhe: « Não venhas para cá com o teu centro. »

Não contente com isto chama o illustre senador—o *mais velho dos moços*, isto é, jarreta; e o *mais moço dos velhos*, isto é, cabeça de vento. Em que dá a mania das antiteses!

Do sr. Saldanha diz que elle *tem a fortuna de ser espectador da propria immortalidade.* Donde se conclue que a immortalidade do sr. Saldanha só dura em quanto viver; pois do contrario como poderia ser espectador della?

Ora essa fortuna, não é preciso ser o sr. Saldanha para a ter. Todos somos immortaes enquanto vivemos.

Finalmente apesar do sr. Octaviano, o homem da mocidade; do sr. Saldanha, um immortal, e do sr. Ottoni, um Achilles—Gracho; o sr. Aprigio declara que quasi todos os liberaes eminentes não são mais do que uns carrapatos do poder. A frase é minha; si fosse pernambucana era primorosa.

Vista aos srs. Nabuco, Zacharias, e Cansansão.

♦♦

O *Jornal do Commercio* annuncia a invenção de uma maquina de fallar que está á mostra em Bruxellas.



Nós temos cousa melhor, a *government's-winch*, que esteve na exposição de Philadelphia onde foi geralmente admirada pela sua perfeição.

A maquina de fallar tem um só polmão, uma só garganta e boca. A nossa manivella tem seis ou sete polmões, e outras tantas gargantas, bocas, e mãos para escrever. Tudo isto é movido por um fio electrico em communicação com um cerebro locomobil.

Dizem que o general Grant vendo funcionar esta maquina suspirou, pensando que com ella obteria a segunda reeleição, e mais tarde a perpetuidade.

Pois que se nine.

O caso é que os Estados-Unidos abateram a prôa e reconheceram que o nosso Brazil está muito mais adiantado em maquinismos engenhosos.

O que é a sua celebre maquina de trincar um porco em presuntos e tassa-lhos a vista dessa nossa de cortar um paiz em fatias de pão de ló ?

\* \*

Ephemerides litterarias.

O illustre poeta Rozendo Muniz terminou em fim os seus *Vôos Icarios* pela Secretaria de Agricultura; e enquanto não consegue grudar as suas azas, despregadas pelo fogo de um ministro inflamavel, é encontrado pedestremente na rua do Ouvidor. O prologo da obra foi do sr. Octaviano e o epilogo do sr. Thomaz Coelho.

Reconhecendo agora o perigo de voar muito alto, o filho das musas bahianas, prova os *travos* que deixam no homem de brio certos *favos* de mel dos cortiços do governo. As azas das *phalenas* são melhores; voam sempre entre flôres.

Outro Icaro derretido foi o sr. Macedo, segundo a sua propria confissão na magna sessão do Instituto. Mas acodiou em tempo o corpo de bombeiros; e as azas do presidente interino, apesar de serem todas de cera, foram refeitas, quero dizer, *recoletas*.

Alfredo de Musset depois de altos amores volta á sua *Mimi Pinson*, que o recebe com um abraço.

Pour entreprendre sa conquête  
Ce n'est pas tout qu'un beau garçon ;  
Faut être bête  
Car il n'est pas loin de sa tête  
Le bonnet de Mimi Pinson.

Em prosa isto quer dizer que o sr. Dr. Ferreira de Menezes deixando a musa da poesia pela musa da chicana, metteu-se em uma questão de *sacos e trapos*.

A questão, porém, embrulhou-se; e o resultado foi apparecer um enorme *sacatrapo* que tirou a buxa do Krupp da nossa imprensa.

\* \*

E está feita a chronica.

Se tiver escapado cousa desagradavel a qualquer dos meus carissimos leitores, fique entendido que não partio cá de casa; foi escripto por obsequio ou ajuste especial.

Eu sou beocio, já disse, e por isso os meus ajudantes impingem-me cousas que não entendo, e que não era capaz de escrever. Eu cá não cuido senão de mim.

Assim está bem claro. Cousa que me comprometta não é da minha redacção que se compõe sómente de

*Ego, mei, mihi.*

# O PROTESTO

## O EMPENHO DE HONRA

Está ainda viva a lembrança da enormidade que assignalou a falla do throno no encerramento da ultima sessão do parlamento.

Acabava de ser promulgada a reforma eleitoral, que favorecia a representação das minorias pelo meio defectivo da lista incompleta.

A opposição, bem convicta da omnipotencia official affeita á unanimidade; e vendo nos ultimos dias transformar-se radicalmente o systema da lei pela restauração das chapas provinciaes; manifestava claramente a sua descrença.

O poder moderador entendeu que devia, no momento solemne de seu concurso com o poder legislativo, dissipar aquellas duvidas e dar penhor da sinceridade da reforma.

Declarou portanto que a execução fiel da nova lei eleitoral era para o governo um *empenho de honra*.

Os amigos das instituições cobriram o rosto, pensando no descrédito a que tinha cahido o poder no Brazil, pois a execução das leis, dever constitucional e acto de probidade, já carecia de ser confirmada por uma promessa.

Mas essa promessa não foi o duque de Caxias, presidente do Conselho no paço, nem o barão de Cotegipe, presidente do conselho no parlamento, quem a fez á opposição.

Foi, e este é o traço mais pungente do triste episodio, foi o Imperador, que aproveitando o ensejo da sessão de encerramento, cobriu com sua pessoal fiança a firma insolvavel do ministerio.

Consumada a enormidade, só havia para ella uma reparação possivel; era o cumprimento fiel da promessa, ainda com sacrificio dos interesses de um grupo ou mesmo de um partido.

A nobreza dessa abnegação resgataria o abatimento moral em que a fiança imperial deixou o gabinete.

Arcanos insondaveis!

O ministerio que não teve a liberdade de repudiar no parlamento o projecto de lei por elle combatido, podia alcançar a licença de calcar aos pés a palavra do soberano?

O compromisso foi completamente fraudado, e o que é mais, com escarneo e mofa. Si em tão grave e penoso assumpto fosse admittido o trocadilho era o caso de dizer-se que houve não empenho, mas *despenho da honra*.



O ministerio deu o primeiro documento de seus designios no volumoso regulamento, subtrahindo á opposição ob e subrepticamente o terço do eleito-rado especial quando havia cinco vagas de senador a preencher.

Uma dessas vagas dava-se em provincia pequena, balda de homens eminentes na politica; o que podia abrir espaço a algum nome prestigioso da opposição, como acontecêra em 1867 com o proprio visconde de Inhomirim.

O ministerio do empenho de honra aproveitou o ensejo para encartar um de seus membros que nenhuma adherencia tinha na provincia; e que só pela pasta recommendava-se á cadeira do eximio parlamentar.

Chegam as eleições de deputados.

O sr. João Alfredo, donatario de Pernambuco, distribuiu os trese logares com exclusão do sr. Theodoro da Silva, amigo do sr. Paulino de Souza, e companheiro do sr Diogo Velho na dissidencia.

Em compensação o sr. Paulino de Souza, com o talento arithmetico de um futuro financeiro, fez á penna em seu gabinete uma eleição, que os collegios da provincia do Rio de Janeiro referendaram.

Da chapa batida dos nove foi excluido o sr. Cardoso, um dos mais prestantes auxiliares do gabinete passado; dente por dente.

Por toda a parte, com excepção de duas provincias, o partido conservador apresentou ostensivamente uma chapa integral em vez da lista incompleta da lei.

Si o partido o fez de accordo com o governo, onde ficou o empenho deste e a sua honra? Si o fez contra o voto do ministerio que esperam os ministros depois de tão positivo mandado de despejo?...

Perdão; estes inquilinos são de outro senhorio.

O illustre chefe da ex-dissidencia com logica facil mostrou á evidencia que a lei eleitoral não prohibia aos eleitores a combinação dos votos no proposito de excluir do terço a minoria.

Não de certo; mas muitas outras cousas o legislador não prohibiu e que um partido sisudo não pratica. Um boato lançado na circulação; alliciações por meio de favores; transacções com adversarios radicaes; são factos de que não resa o texto da lei; e que entretanto a decencia reprova.

A reforma eleitoral foi promovida pelo governo e votada no parlamento com a declaração muito positiva de ser a iniciação dessa idéa liberal da representação das minorias.

Todos quantos para ella concorreram com seu voto e o seu apoio, desde a apresentação do projecto até a sua promulgação; todos deviam ser leaes ao pensamento da lei, e o governo mais que nenhum.

Burlando a reforma, trahiram o seu dever, e não zelaram a dignidade da corôa.

Quando o imperador em um momento de folga que lhe deixem suas viagens, compenetrar-se do que foi a execução da reforma eleitoral, seu desgosto ha de ser profundo. Como Augusto clamando a Varo por suas legiões sacrificadas; o sr. D. Pedro II perguntará a seu primeiro ministro: — « Que fizestes da minha palavra imperial? »

Um sarcasmo.

## A AGRICULTURA

O Brazil é um paiz essencialmente agricola.

A natureza o destinou para essa nobre industria, dotando-o de um solo vasto e uberrimo, em cuja area se encontram todos os climas.

A indole e os habitos de seus primeiros povoadores desenvolveram essa disposição originaria, creando as lavouras que ainda hoje são a unica fonte importante de nossa producção.

O regimen colonial, com toda a sua brutalidade, não contrariou nunca, antes protegeu a seu modo o espirito agricola das suas possessões americanas.

Não por zelo de nosso futuro, mas por favor ás fabricas e manufacturas do reino, foram prohibidos no Brazil certos officios e acoroçada a lavoura das terras.

Estava reservado ao governo constitucional, a triste e ingrata missão de combater surdamente, pelo mais absurdo systema economico, o incremento da nossa industria, desviando o trabalho de seu curso natural.

Proclamada a independencia, não era possivel que se organisassem em logo as nossas finanças, sobretudo quando as dissipações do primeiro imperio, menores todavia que as actuaes, exauriam o thesouro, e o obrigavam a recorrer aos expedientes ruinosos.

Mas o prurido de mostrar proficiencia economica fez copiar dos livros francezes sophismas refutados pelo simples bom senso, e rotinas sem applicação ao nosso paiz.

Um dos sophismas foi esse de que os emprestimos são fontes de renda, axioma preconizado pelo marquez de Abrantes, quando Calmon, e chefe da escola que inaugurou neste paiz sem fabricas e sem manufacturas o regimen protector dos velhos estados europeos.

Então a escola da livre permuta combatia em França essa abusão economica dos governos que pensam desenvolver a industria nacional, encarecendo os productos similares de procedencia estrangeira.

Era essencial que o Brazil tivesse tambem um systema protector, como depois veio a ter um contencioso administrativo, e outras exoticas importações, sem o que não seria uma nação civilisada.

Mas o que havia a proteger neste paiz sem riqueza fabril? Os nossos financeiros não se preocuparam com essa bagatella; e quando pelo diante a anomalia tornou-se flagrante, tomaram um engenhoso expediente.

Como faltava a industria para ser protegida; cuidou-se em crear por meio de loterias e subvencões umas fabricas enfesadas, que servissem de pretexto ás enormidades da tarifa, e dessem aso a fallar emphaticamente no parlamento — da *industria nacional*.

Os nossos financeiros tem a ingenuidade de crer que o systema protector, ou por outra, a elevação das taxas, augmenta a receita; e como elles não cogitam do povo e sim do fisco, estão convencidos que não ha outra sciencia alem dessa de fintar bastante os generos de maior consumo.

Assim radicou-se em nossa administração o funesto regimen; e se fosse possivel chamar á barra da nação todos os ministros que o defenderam e consolidaram, nenhum estou certo se mostraria constricto dos males causados por tão grave erro.

Talvez ao contrario se apresentassem ufanos de sua obra, e reclamando as benções da patria pelos servicos prestados com sua gestão.

Entretanto o erro ahí está patente; e a decadencia da nossa agricultura, confessada pelo governo e apregoada no parlamento, não é outra cousa senão a con-



sequencia logica e fatal de um tacanho regimen aduaneiro, e portanto a obra longamente trabalhada dos nossos financeiros.

Falta de capitaes, de braços, de transporte, de estudos profissionaes, todas estas causas apontadas do atraso de nossa lavoura, não são causas, mas effeitos da causa unica ; a nossa ignorancia economica, ou antes a nossa indole rotineira.

Em verdade, não era precisa a sciencia para mostrar que um paiz, onde o fisco ia encarecendo gradualmente a vida pela exorbitancia dos direitos de consumo, devia necessariamente empobrecer em cabedaes, em braços, em trabalho, e até em estímulos.

O que admira é que elle tenha resistido á compressão de semelhante systema e a ponto de ainda ser actualmente no mercado universal o primeiro productor de café.

Mas as circumstancias se aggravaram de modo, que afinal os poderes do Estado se preocuparam da questão agricola, que é sem contestação, o nosso maximo problema economico.

Depois de uma grande ostentação de inqueritos e relatorios, com que se pretendeu arremedar, mas só na papelagem, as praticas inglezas ; votou-se uma lei chamada de auxilios á lavoura.

Triste epigramma !

Para sanar os effeitos de um regimen economico, filho da restricção e do privilegio ; a sciencia financeira do nosso governo não achou outra cousa senão um odioso monopolio !

O poder já invadiu tudo Depois de absorver pela centralisação a vida politica e administrativa das localidades, elle começou a lançar as raizes do enorme polipo pelo campo das relações civis.

Monopolizou o credito ; avassalou o commercio ; subvencionou a industria ; e domina até as profissões liberaes pelos privilegios que reparte entre os seus favoritos. O ministerio da agricultura creou duas novas classes ; os advogados administrativos e os litteratos imperiaes.

Restava porém a agricultura. Em todos os tempos e em todas as nações, sempre essa classe distinguio-se pela sua independencia e isenção, como por seus principios de ordem e moralidade.

Em nosso paiz era ella talvez a base unica de uma resistencia legal e pacifica, mas perseverante e energica ás invasões do poder. Com sua costumada sagacidade a corda viu o perigo, e encampou tambem a industria rural.

Creou-se uma agricultura official.

Eis o unico sentido e o effeito unico da lei chamada de auxilios á lavoura, a qual se ainda não produziu todos os males de que veio pejada, é porque o mercado monetario de Londres retrahiu-se, espantado ante a nossa prodigalidade.

Quando, porém, cada provincia, ou cada municipio, tiver o seu engenho e fazenda central, subvencionados pelo governo ; a maquina administrativa ficará montada ; e as lavouras serão, como as outras empresas, meras secções do ministerio das Obras Publicas.

Tal é o estado desanimador de nossa agricultura. Entretanto para os males que a acabrunham, como para os que affligem o paiz em geral, ha um remedio ; remedio tão simples e despresado, como effizaz.

É a liberdade.

Mostraremos depois como, ao seu influxo poderoso, sem tutela nem subvenções, a nossa lavoura surgiria do abatimento e declinio a que chegou, para tomar um novo e vigoroso impulso e com ella todas as industrias do paiz, atrophadas pelo actual systema financeiro.

## REI OU ROQUE

O sabio oriental, que inventou o chadrez, quiz figurar nesse jogo, a estrategia de uma batalha, ou segundo melhor versão, o governo do estado.

Na peça principal representou elle o rei, ou a nação de que este é o symbolo; e nas outras peças as varias classes ou ordens do estado.

Entre estas distingue-se o roque, no qual os homens de guerra alludem aos paladinos ou cavalleiros andantes, da palavra persa *rokh*; e os politicos denotam os conselheiros do soberano.

Como esta peça é mais que nenhuma outra reservada á defesa do *shah* que por sua vez a protege; nasceu dahi o conhecido proverbio *rei ou roque*.

Nós bem podemos hoje por amarga experiencia traduzil-o em phrase correntia e brasileira, dizendo ou bem sabio ou bem soberano.

São com effeito duas occupações incompativeis.

A gestão dos negocios publicos não permite, senão como recreio, as laboriosas investigações da sciencia, que absorvem e captivam o espirito.

Ninguem de certo confiaria do engenheiro incumbido de dirigir uma grande maquina, si em vez de attender ao seu movimento complexo, elle abstracto se retrahisse á um canto para investigar certos phenomenos de phisica, muito importantes para a sciencia, mas sem effeito practico na occasião.

E que maquina mais importante do que essa da sociedade, á qual deve presidir um soberano com incessante disvello, e da eminencia onde o collocou o voto da nação?

Comprehende-se que Alexandre dormisse com a Iliada sob o travesseiro e deplorando não ter um Homero para cantar a sua gloria.

Mas que interessa á prosperidade deste imperio, que o seu monarcha saiba de cór e salteado o texto daquelle poema, e dê quinaos mestres ácerca do templo de Apollo em Tenedos?

Não seria muito mais feliz este povo, se o seu defensor perpetuo, que nos annunciam ter descoberto o verdadeiro sitio de Troia, estivesse agora cogitando na difficil solução da crise financeira e prescrutando a séde dos males que nos affligem?

A questão religiosa assume cada dia maior gravidade; mas tenhamos fé e esperanza, pois segundo nos annunciou ha dias o primaz da imprensa, o imperador se ajoelhará em *Belém e no Santo Sepulchro*.



A viagem imperial nas circumstancias melindrosas do paiz é um erro tão flagrante, que a censura transpira dos poros mesmos da mais extrenua defesa, a que os amigos sinceros da monarchia julgam-se obrigados.

O retrospecto, que publica annualmente o *Jornal do Commercio* é sem contestação um escripto reflectido, e repassado sempre do espirito eminentemente conservador desse importante orgão da imprensa.

Entretanto, justificando a ausencia do soberano, a rigida consciencia do historiador não pôde abafar de todo a verdade severa, que desafagou-se nestas palavras bem expressivas :

« O imperador partiu a viajar por dezoito mezes deixando ao governo do Estado, além de outras difficuldades, tres problemas, um arriscadissimo e dous afflictivos, a reclamarem solução. »

Que motivo poderoso obrigou o sr. D. Pedro II a ausentar-se do imperio em época tão ardua para o povo que lhe tem dado as mais eloquentes provas de seu amor e adhesão ?

A molestia da imperatriz ?

O conspicio escriptor não acredita nella ; e estamos convencidos que só a mencionou para com a recordação das virtudes de nossa augusta soberana, avivar o amor ao throno e turbar o nosso espirito, commovendo-o.

A verdade é que sendo nossa imperatriz uma esposa cheia de abnegação, não pôde deixar de adoecer, quando sente que a viagem é necessaria ao repouso do espirito daquelle a quem unio seu destino.

A molestia, portanto, não é causa da viagem ; é effeito previo della ; tanto assim que depois de pequena demora em Gastein, a imperatriz foi encontrar-se com seu esposo e com elle vae arrastando as fadigas de jornadas penosas.

Tambem não é argumento, o *suave refrigerio* de que precisa uma intelligencia avida de saber, depois de tantos annos de assiduo reinado.

Maior reinado e mais arduo foi o de Leopoldo I ; e não menos longo é o da rainha Victoria ; mas nenhum destes soberanos constitucionaes affastou-se jamais de seus Estados durante mezes, e para lugar d'onde não podesse voltar em poucos dias.

Que mais suave refrigerio para um soberano do que contemplar a prosperidade de seu povo, e glorificar-se de sua obra ?

Se porém o povo não é feliz, se o seu futuro depende de problemas arriscadissimos e afflictivos ; então o soberano não tem direito ao repouso, e o refrigerio neste caso não seria suave, mas bem amargo.

Teria o travo do remorso.

## EXHOMEM

## LIVRO I — O DESCONHECIDO

## I

*(Continuação)*

Teve a moça forte commoção, ao contemplar o desconhecido.

Aquelle homem, estampado no painel da solidão que se desdobrava entre as molduras da floresta, em meio do silencio augusto do ermo, aos esplendores do sol americano, appareceu-lhe como o rei da belleza humana.

Suppunha que a realidade não pudesse jamais apresentar aquella harmoniosa correcção das formas; que só á imaginação era dado concebe-la e á arte reproduzi-la, como uma idealisação da natureza.

Por muito tempo ficou no enlevo de sua ardente contemplação.

Desenhou-se-lhe na mente a imagem do Christo humanando sua magestade celeste; o vulto de Adão, o primeiro creado, quando o Eterno o formara d'argila e o animara com o sopro omnipotente; Moisés, nas sarças de fogo do monte Sinai, recebendo do Senhor as taboas da lei immortal; e umas apoz outras, todas as grandes personificações que ella conhecia, dessa besta divina chamada homem.

E' certo que faltava ao desconhecido o ornato que deu o Creador ao sexo forte por symbolo do imperio, com deu ao leão a juba. Tinha o rosto imberbe; apenas um louro buço nascente começava a pubescer-lhe as faces; o que não se podia attribuir só á flor da juventude, mas principalmente á tardia projecção da hombridade nessa opulenta organização.

Alçara o mancebo o talhe, e rasgando um gesto solemne, desprende no espaço a voz que dominou os rumores da floresta.

— A caridade!... Sabeis o que seja essa virtude sublime? É o balsamo suave de que Deus fez a alma de seus escolhidos, para que o vertam no seio dos que soffrem. É o sorriso ineffavel do Creador, que nos ficou no intimo do coração, e se exhala em effluvios de celeste misericordia. É o amor purissimo do Christo, que sobe a elle como as columnas do insenso, e cahem de novo sobre a terra em orvalhos da graça divina; porque nunca adoramos melhor ao Omnipotente, do que admirando e guardando a sua melhor obra, que somos nós mesmos na pessoa de nossos irmãos!

Estas palavras o desconhecido as proferia com tão unguida expressão, que a moça palpitava sob os accentos da voz inspi-



rada, como as cordas da harpa sob o toque dos dedos, que imprimem-lhes a vibração.

Tinha a palavra, desse homem, além da pujança do órgão que sopita os rumores e se despenha como uma torrente, a outra força, muito mais poderosa, da idéa, que irrompe como a lava de um vulcão, e coalha-se n'alma daquelles que ouvem; si é isto ouvir, que melhor se diria, infundir-se na exuberancia de um espirito superior.

Por algum tempo deixou o desconhecido precipitar-se a onda de eloquencia, que lhe sublevava o pensamento; depois do que tornou a recostar-se no tronco, e tomando sua primeira posição continuou a leitura interrompida.

Ainda não se dissipara de todo a surpresa e commoção da moça, que não tirava os olhos do desconhecido, e permanecia sob o encanto irrisistivel dessa magestosa appareição.

— Vamos, mana! disse o menino.

— Espera!

Só quando o desconhecido, chegada a hora de recolher-se, tomou o caminho da casinha, e desapareceu do lado opposto, entre o arvoredor, pôde a moça arrancar-se áquelle sitio.

Tornaram os dois irmãos com a mesma pressa; mas desta vez ia adiante a moça, a qual absorvida em seus pensamentos, não escutava a tagarelice do menino.

A vereda que elles seguiam, sahia no pasto da fazenda da *Solidade*, onde em poucos momentos se acharam. D'ahi dirigiram-se á casa a tempo do almoço, que já estava na mesa, á sua espera.

A fazendeira, D. Margarida, começava a inquietar-se com a demora dos dois filhos; e já tinha despachado pagens e mocamas á procura delles.

— Que demora, Gabriella! disse a boa senhora com a voz descançada.

A moça correu ao encontro da mãe, e abraçando-a carinhosamente para apagar a lembrança da inquietação que havia causado, beijou-lhe os cabellos grisalhos.

— Estava passeiando, mamãe! murmurou rapidamente e enrubecendo.

— Aonde, que tardaram tanto? insistiu a fazendeira.

Gabriella perturbou-se Felizmente acodiu Carlinhos, que percebendo o enleio da irmã, tratou de esconder a sua travessura substituindo-a por outra mais innocente.

— Fui eu, mamãe, que levei a mana para ver um ninho de codornas. Já tem dois ovinhos, tão bonitos! Não tardam tirar. Ha de ser um casal. Gabrielinha prometeu criar para mim!

— Cuidado com essesinhos ! Costumam ter cobras ; respondeu D. Margarida.

Emquanto a boa senhora dirigia-se á mesa para tomar a cabeceira, Carlinhos a rir, beliscava o braço da irmã que parecia distraída, e fazia-lhe um momo zombeteiro, applaudindo elle proprio a astucia com que illudira a sollicitude materna.

A' hora da sesta, Gabriella recolheu-se á sua alcova ; pôde então entregar-se aos pensamentos que a disputavam, agitando sua calma existencia.

Fechou os olhos, e reviu a scena que havia produzido em seu espirito tão viva impressão.

Quem era aquelle desconhecido que fugia ao mundo, onde sem duvida o cercava a admiração, para vir esconder-se no ermo, e dissipar os thesouros de sua intelligencia, atirando-os aos echos da solidão ?

Seu mano Carlinhos, na vespera, batendo o matto como costumava, descobrira casualmente aquelle homem em seu retiro, e lhe havia referido o caso, ainda sorpreso dos modos estranhos do individuo. Teve ella curiosidade de o ver ; e áquella hora arrependia-se de não haver resistido a seu desejo.

Com um impulso inconsciente, ergueu-se a moça de subito e caminhou para o grande espelho, que ornava o aposento. Seus olhos fitaram-se com avidez e susto na imagem que a face polida do christal reflectia.

Agitada pela commoção, unvida pela alma que filtrava-lhe dos poros como as reverberações do céo tropical, tinha Gabriella a belleza deslumbrante que arrasta o homem á idolatria da forma.

E contudo a moça curvando a fronte esmorecida, comprimiu o seio que arfou com um suspiro profundo :

— Sou eu digna de um olhar seu ?

### III

Nos dias seguintes Gabriella arrastada por um movimento irresistivel, tornou ao retiro onde costumava o desconhecido passar uma parte da manhã,

A desculpa imaginada por Carlinhos para explicar a ausencia do primeiro dia, servio de pretexto á repetição do passeio matutino.

D. Margarida já não se inquietava com a demora dos filhos. Si elles não appareciam á hora do almoço, esperava-os tranquillamente, dizendo á sua cazeira :

— Cobre os pratos, enquanto não chegam os meninos, Thomazia. Elles foram ver o ninho das codornas.

Todas as noites Gabriella fazia tenção de não voltar á Cacho-



eira. Quando resava sua oração, ao deitar, pedia a Nossa Senhora da Conceição lhe desse força para quebrar o encanto que a prendia aquelle sitio, e ao desconhecido.

Ao romper do dia já estava prompta, impaciente por sahir, e apressando o Carlinhos, que se demorava. A principio fôra o menino que a instigou a voltar; agora era ella quem a rogos e caricias o induzia a acompanhá-la.

O travesso deixava a irmã no recanto do penhasco, e ganhava o matto nas costumadas correrias.

Ali permanecia Gabriella, cerca de uma hora, enlevada na contemplação do mancebo, admirando essa belleza tão singela em sua opulencia; repassando-se da nobreza que derramava-se em torno desse homem como a emanação de sua natureza superior.

O traje do desconhecido, si pelo corte moderno deprimia de algum modo a soberba estatua, que estava requerendo a chlamyde grega ou a toga romana, não lhe tolhia os movimentos, nem restringia a livre expansão do robusto organismo.

As roupas eram escuras e folgadas. O collarinho da camisa muito frouxo e preso apenas pelo nó de estreita gravata solta, desnudava-lhe a parte superior do busto, que recordava o toro de uma columna de jaspe.

Trazia habitualmente um largo chapéo desabado de flexivel castor preto, que realçando-lhe a alvura da tez, dava á sua bella cabeça oval a expressão gothica das figuras que ornam os paineis da media idade.

Diariamente ao romper da manhã sahia o desconhecido da *Cachoeira* onde habitava, e percorrendo pelo campo vinha ter áquelle sitio. Ahi entretinha-se na leitura de alguma obra, em locubrações do estudo, ou na contemplação da natureza.

Quando o livro lhe suggeria ao espirito copia de reflexões, ou no desenvolvimento da idéa do author ou no sentido de sua refutação, concentrava-se um instante para bem possuir-se do assumpto e fallava.

O discurso brotava-lhe dos labios com a affluencia de um rio caudal, que as vezes espraia-se pela formosa campina bordada de flores, e outras arroja-se contra o penhasco e dispenha-se em cata-dupas

Nessas occasiões, Gabriella, despoticamente dominada por essa palavra soberana, soffria a repercussão de todos os sentimentos, que inspiravam o eloquente orador e laboravam a sua alma.

Enchia-se de horror, exultava de júbilo, ou debulhava-se em lagrimas, como si assistisse ás scenas que a voz do desconhecido evocara das profundezas de sua consciencia; quando não as desdo-

brava a seus olhos como um painel estampado com as galas de um estylo lapidario.

Outras vezes não era do luxo, mas da propria natureza, que o mancebo tirava o thema de seus raptos eloquentes.

Absorvia-se na contemplação do arrebol da manhã que dourava um nimbo alvo e resplandecente, de um insecto a saltar pela relva, ou de um broto, que rompia o rijo cortice da arvore; e de cada um desses arroubos de sua intelligencia, surgiam os hymnos sublimes que entoava ás maravilhas da creação.

O tempo que ali passava atraz da penha, e occulta pela folhagem, Gabriella, si não a subjugavam o gesto e a palavra do desconhecido, evocava a si com toda a vehemencia de sua admiração a pessoa desse mancebo, e abria sua alma para encerra-lo dentro como em um templo, de que elle era o Deus.

Prodigioso extase do espirito, exaltado por uma paixão ardente!

O ambito do sitio agreste era para a donzella um regaço de sua alma. No mago enlevo afigurava-se que tinha dentro de si, em um mundo interior, aquelle homem rei, do qual a terra não era digna. Ella o envolvia, como a immensidade envolve o orbe que abrange em seu seio.

Por ventura essa poderosa intuição exerceria no desconhecido alguma influencia misteriosa?

O certo é que as vezes no meio de suas locubrações, elle despertava como si alguma cousa lhe estivesse reclamando a attenção; e volvia um olhar que parecia derramar em torno vaga interrogação.

Outras vezes levantava a cabeça de repente, e a sua pupilla serena e luminosa fitava-se na fenda do rochedo, com tal insistencia e fixidez que a moça recuava espavorida.

Parecia-lhe que esse olhar prescrutador atravessava o granito para vir pousar-lhe no semblante, e sorprezo de a encontrar ali á espregia, tomava uma expressão fria e severa.

Sobresaltada com esse pensamento, Gabriella conchegava-se tremula ao mais obscuro recanto da penha, até que dissipava-se o susto. Então reconhecia, que occulta como se achava pela espessura da selva, era impossivel descobri-la ainda mesmo de perto, quanto mais de longe, e atravez de uma fenda estreita da rocha.

Uma manhã, quando o desconhecido estava entretido a ler, sentado no tronco do jethy, ouviu-se um mugido formidavel.

Um touro bravo, escapo de algum curral da visinhança, e acossado pelos cães, rompeu da matta e surgiu á borda do campo.

Quando o animal enfurecido, com os olhos injectados de



sangue, arrojava-se de novo aos corcovos para atravessar o gramaço, avistou em frente o vulto de um homem.

O desconhecido erguera, a frente; com uma calma que tocava á indiferença, contemplou o touro, que estacara no meio do campo, e escarvava o chão soltando urros medonhos.

Chegaram os cães que vinham na batida e após elles dois campeiros armados de varas. O touro arremetteu contra os seus perseguidores, e aproveitando-se da corrida que lhes dera metteu-se outra vez pelo matto.

O desconhecido inclinou de novo a cabeça e continuou a leitura interrompida. O turbilhão que por ali passara não havia nem de leve alterado a magnanima serenidade de sua frente.

Esta scena deixou no espirito de Gabriella uma impressão indelevel.

A quietude da força em repouzo tinha um cunho de grandeza que ella não conhecia. Si o desconhecido lutasse com o touro e o abatesse, essa proeza certamente a encheria de admiração.

Mas, heroe embora, o mancebo prostrando o animal bravio, não passaria de um homem; praticava acção já muitas vezes repetida; enquanto que esse desprezo do perigo e essa calma soberanceria o revestiam de magestade divina.

Outra vez, o desconhecido em um de seus raptos eloquentes, descrevia a magnitude da solidão, quando sahio da matta um pardo velho, que se arrastava carregando um grosso tronco de grumari.

Gabriella conhecia aquelle velho; era o Ignacio, que morava ainda em terras da fazenda, a um quarto de legoa da *Cachoeira*.

O peso era excessivo para as forças do velho, que afinal, faltando-lhe o apoio das arvores a que se arrimava, tropeçou e cahio quasi esmagado pelo madeiro.

Approximou-se o desconhecido para erguer o pardo. Como este tentasse outra vez a empreza, elle o impedio, e sobraçando o grosso tronco, sem esforço, acompanhou o roceiro.

Gabriella, vendo-o ao longe passar entre as arvores, lembrava-se dos herões da Caledonia, cantados por Ossian, quando empunhavam a lança feita da haste de um pinheiro.

(Continúa)

## BEOTICES

Ha seis mezes mais ou menos houve um dialogo telegraphico, do qual ahi vai a substancia.

O conselheiro Diogo Velho pedia licença para apresentar-se candidato á senatoria pelo Rio Grande do Norte.

Teve em resposta que ainda era muito moço e podia esperar.

Replicou o nobre ministro da justiça que chamava-se Diogo *Velho* e si fosse preciso pintaria de grisalho o cabello e o bigode.

Nova objecção. Quanto á idade procedia o argumento; mas não era bonito que um ministro se apresentasse candidato por provincia extranha.

Ponderou respeitosa e nobre ministro da justiça que a Parahyba confinava com o Rio Grande do Norte, e por isso como visinho, e em falta de quem substituisse decentemente o Visconde de Inhomirim, julgava licita a sua pretensão.

Mandou-se consultar sobre esta allegação o Instituto Geographico.

Então o nobre ministro vendo perigar a senatoria; apressou-se em mudar de argumento, e allegou que a provincia do Rio Grande do Norte e a da Parahyba pertenciam igualmente á Sua Magestade de quem elle era humilissimo subdito.

A vista deste argumento veio a licença de apresentar-se e com promessa da escolha.

Agora perguntarão como penetrei este segredo?

Eu moro no sotão de uma casa por onde passa o fio telegraphico da *Copa-cabana*; graças a um pequeno aparelho portatil ponho-me em communicação com o mundo inteiro.

Por isso sei muita cousa que os outros ignoram.

Voltamos as quarentenas!

Que paiz de luminarias!

Luminarias administrativas, luminarias medicas, luminarias de todas as especies e de todas as cores!

Enchem estes meus senhores as bochechas de progresso, de civilização; e quando nos chegam esses passageiros universaes, pregam com elles no lazareto com medo da peste.

Ha maior pieguice do que essa pretensão de mudar o curso ás epidemias? Governam esses senhores os elementos, dirigem á sua vontade o rumo dos ventos? Deu-lhes o Creador o poder de dizer ao miasma; «Tu não passarás daqui?»

Não são capazes de prevenir a molestia n'um individuo, e querem proteger contra ella as cidades.

O sr. José Bento, ministro e conselheiro da Divina Providencia, acaba de expedir um aviso mandando contractar em Portugal um director e uma directora para as escolas normaes da corte.

Não seria mais obvio, mandar logo de uma vez contractar por lá um ministro de instrucção publica já que não temos por cá desta especie?

No fim de contas elles tem razão, os nossos governadores.

Creou-se nesta corte uma sociedade de recreio intitulada *Congresso Brasileiro*. Immediatamente appareceu nos a pedidos do *Jornal do Commercio* um artigo censurando o character nacional da associação, e prophetisando-lhe a mesma sorte mofina de todas aquellas que não admittiram os estrangeiros!



É de benzer-se a gente.

Os estrangeiros podem fazer sociedades exclusivamente suas neste paiz onde são recebidos na mais perfeita igualdade de direitos civis; mas os brasileiros não tem licença para serem brasileiros, nem mesmo em sua terra!

Que o artigo não é de estrangeiro vê-se logo. Só um brasileiro cosmopolita pôde ter escripto aquillo, si como eu penso não foi antes uma ironia.

\* \*

Decididamente nós vamos á desfilada pela estrada real ou imperial da civilisação.

Não bastavam as quarentenas, tambem temos as TOIRADAS!

As toiradas, o divertimento favorito da casa de Bragança, que nos veio do reino com o sr. D. João VI, ahí estão outra vez na cidade de S. Sebastião que assim volta aos bons tempos de capital do reino unido.

Haverá trinta annos quizeram importar de novo esse recreio que se fôra, como viera, com a comitiva real e como parte de seu trem da côrte. O bom senso da população o repellio por modo que, ninguem mais lembrou-se de repetir a tentativa.

Parece, porém, que chegou á Europa a noticia do nosso adiantamento, pois em 1876, reinando o sr. D. Pedro II, e na regencia de sua filha, surgiram de repente os *toiros*, e armou-se a praça na chacara de um alto personagem.

Quem deu a licença para construcção do tal circo? E quem permittiu semelhante espectáculo?

Temos uma postura, a de 27 de Julho de 1852, art. 9º que prohibe aos cocheiros e carroceiros, maltratar os animaes com castigos barbaros. Tambem temos o regulamento de 31 de Janeiro de 1842, art. 132 que ordena aos chefes de policia não consintam « nos espectaculos de que possam resultar desastres e perigo ao publico e particulares. »

São leis que já mofaram. Anachronismos que envergonham nosso progresso actual.

Demais surrar um animal em serviço é vulgar, emquanto que pical-o a facadas ou estripal-o para divertimento de um publico apreciador da carniça, é um espectáculo cheio de emoções!

Si algum espada ou capinha fôr trespassado pelas pontas de um touro enfurecido, que contas dará dessa vida o sr. chefe de Policia que autorizou a representação?

Não vale a pena fallar disso. Deixemos divertir-se o povo; e até para que o circulo torne-se mais attractivo permitta-se que os curiosos sem a precisa destreza vão offerecer a barriga aos chifres dos toiros.

Pois que tem isso? não são elles senhores de suas tripas, como de seus narizes?

Não me consta que esse barbaro espectáculo esteja admittido em outros paizes a não ser Hespanha e Portugal, onde tem um cunho nacional e vive das tradições do povo. Nunca elle passou os Pyreneos; porque além estava de guarda a civilisação que o afugentou sempre.

Conseguiu, porém, atravessar o Atlantico; e agora só falta que o governo o adopte para solemnizar os dias de grande gala, á semelhança da antiga etiqueta da casa de Bragança. Não havia festa de côrte, sem toiros.

Aquelles toiros nos deram ao menos uma obra prima de Rebello da Silva. Estes de cá, o que darão de si? Alguma memoria polyglota para a futura Exposição de Pariz?

Já houve quem se lembrassé de justificar os toiros, comparando-os á uma caçada, e attribuindo-lhes o dom de excitar a energia do povo.

Que analogia! Onde é que se fez das caçadas um espectáculo publico quasi diario, e com o requinte cruel de assanhar a victima e martirisal-a, antes de a immolar por simples vaidade?

O divertimento dos toiros não é sómente barbaro; é de mais torpe e nojento.

Causa asco. — « É repugnante e hediondo », diz com razão um distincto escriptor portuguez, Ribeiro Guimarães.

Tambem concordamos com elle que mais barbaro que os toiros, são as forcas e as guilhotinas; mais repugnante é o assassinato legal dado em espectaculo as multidões em Londres e Paris.

Mas nós que estamos isentos daquelle horror, havemos de ter esta nausea?

\* \*

Estamos livres da praga dos gafanhotes; as chuvas passaram; o calor vae comportando-se bem; a febre apesar das preces *ad petendam pestem* dos medicos e boticarios tambem pedio licença á junta de hygiene e anda viajando.

Mas dos artigos de Macahé e Campos, não ha meio nem modo de livrar-mo-nos.

E no fim de contas quem paga toda essa eloquencia? Os accionistas?

Mas elles são accionistas de uma estrada e não de uma polemica.

\* \*

Um destes dias fui visitar um estadista.

Ha estadistas assim chamados porque possuem a sciencia do *estado*; e outros porque possuem a arte da *estada* no parlamento e no ministerio.

Encontrei-o no gabinete, trepado em uma escada. Vendo a minha surpresa dignou sorrir-se:

— Não se admire, meu caro. O *Jornal do Commercio* costuma publicar annualmente um excellente retrospecto commercial, trabalho que honra a nossa imprensa; mas em vez de o distribuir pelos assignantes em commodo folheto que melhor se prestaria ao estudo, dá-nos um lençol que não se póde ler sem esta gymnastica.

— A gymnastica, exm., é optima; ensina a trepar.

Achei razão no homem; e desde então possuo duas escadas, que me illuminam; uma para acender o gaz e outra para ler o *Jornal do Commercio*.

\* \*

Foi uma feliz lembrança a escada. Agora nada me escapa.

Assim que no *retrospecto politico* li eu este bonito trecho: — *do futuro e virginal começo do governo da imperatriz presumpitiva.*

Ha começos não virginaes? Por outra, começos já começados? Si os ha nenhum mais neste caso do que o começo do governo de quem já por duas vezes governou como regente,

Logo se vê que esta penna não é de casa; eu apostaria que ella é de um ganço do capitolio. Vem do Instituto; por isso quando falla das pessoas imperiaes tem um estylo icario.

Assim diz-nos ella que o imperador depois de brevissima demora em Moscow *proseguiu em seus voos* e foi á Constantinopla.

Mais adiante tendo dito que o imperador andou por Séca e Méca e Olivaeas de Santarem, pergunta ufana: « *Onde irá mais o imperador, que viajando com azas ainda terá alguns mezes para voar?* »

Estou quasi respondendo: « *Irá para sua casa onde já devia estar ha muito:* » — mas eu não me metto com os negocios alheios.

Quando o imperador fez a primeira viagem levantaram grande celeuma por causa de andar burguezmente, com uma mala na mão, paletot sacó e bonezinho.

— Ah! é isso! disse elle: e desta vez armou-se de um par de azas, e lá anda como Jupiter pousando de cidade em cidade.

O Instituto que trabalha desde muito para achar o epitheto com que ha de ser conhecido na historia o nosso glorioso monarcha, ahí o tem: — *D. Pedro II, o Voador*, proclamará a posteridade.



E eu que suppunha o ministerio de estrangeiros occupado com negocios da diplomacia!

Leio agora nas folhas diarias um relatorio que dois conferentes em *passeio official* pela Europa dirigiram ao sr. de Cotegipe, ministro de estrangeiros.

Nesse relatorio dão conta aquelles *touristes* dos seus estudos sobre maquinas de fiação, tecelagem de algodão, lã, seda, e rendas, assim como sobre fabricas de armas e zinco.

Que tem o ministerio de estrangeiros com toda esta trapalhada? Por mais que estude o regulamento, não o descubro. Ainda se os dois compadres do sr. de Cotegipe se dedicassem ao estudo das fabricas de perfumarias e cosmeticos, eu comprehenderea. A diplomacia tem suas exigencias; e na verba expediente devem estar incluídas, com as despezas de escriptorio, as do *boudoir*. Mas espingardas, zínco e zuartes, artigos de guerra, na pasta de estrangeiros!...

Que horror!...

Meu filho adverte-me que o relatorio tambem trata de *sedas e rendas*, especialidades femininas. E' verdade!... Talvez o governo prepare algum projecto transformando o ministro de estrangeiros em *ministro das modas*.

E' precisa a gaiatice do sr. de Cotegipe, o nosso grande estadista comico, para mandar conferentes de alfandega estudarem seu officio nas fabricas de manufacturas!

E porque não foi antes o proprio sr. de Cotegipe divertir-se na Europa a custa do Thezouro, e a pretexto de estudar os modelos de bom ministro?

Para conhecer uma fazenda e saber o seu valor mercantil não bastam a pratica e os preços correntes; é essencial ver a maquina que a teceu, assistir ao seu fabrico, e olhar para os theares como boi para palacio.

Ah! immortal Lapalisse!

O que nos vale é que os taes conferentes viajam incognitos. Senão que idéa fariam de nós na Europa?

A colonia portugueza acaba de dar mais uma prova de seu acrisolado patriotismo, soccorrendo generosamente a seus irmãos da mãe patria, victimas das inundações.

São tantos os exemplos, que já o elogio tornou-se sedição.

Quem dirá que nós somos um povo irmão daquelle, e sahidos do mesmo tronco?

Ha mezes falleceu no estrangeiro um dos homens mais notaveis do Brazil não tanto por sua posição official, como por sua grande reputação de parlamentar e escriptor; o Visconde de Inhomirim.

Quando os restos mortaes do illustre fluminense foram restituídos á patria, a corte occupada em banquetear as coripheos do dia, não se apercebeu de semelhante cousa.

Nem podia ser de outro modo; pois o Brazil tendo de substituir no Senado a uma das maiores glorias de seu parlamento, não achou ninguem mais senão o estadista F.!

Consta que alguns sujeitos de bom gosto tem achado esta minha chronica um punhado de parvoices.

Pois então!... Se não fosse assim, eu não seria beocio, e elles athe-nienses.

# O PROTESTO.

## O EMPRESTIMO.

O governo acaba de realizar mais um emprestimo.

Em junho passado as condições do thesouro eram tão precarias, que o forçaram a emitir oito mil apolices abaixo do par, quando ellas estavam cotadas a 125

A falta absoluta de numerario para fazer face ao pagamento dos juros da divida interna consolidada, impôz ao nosso imprevidente governo essa operação infeliz.

Seis mezes depois, aggravam-se ainda as circumstancias do thesouro por modo, que o obrigam á nova emissão de trinta mil apolices, e sempre abaixo do par.

A 23 de Janeiro cotava a junta dos corretores as apolices geraes a 1.018\$; e nesse mesmo dia, o sr. Barão de Cotegipe assignava o contracto da venda daquelles titulos ao Banco do Brazil pelo preço de 970\$!

A differença é de 48\$; e ella só por si dá a medida da pressão que um deficit enorme está exercendo sobre as nossas finanças.

Mas a eloquencia desse algarismo é posta em relevo pelas condições do contracto celebrado entre o thesouro e o banco.

O governo privou-se do direito de nova emissão sómente por um anno, até 31 de Janeiro de 1878; e ainda assim com resalva das emissões especiaes, ordenadas por lei ou já estipuladas em contractos.

Para obter do Banco do Brazil estas larguezas, foi que o thesouro se vio coagido a acceitar o preço de 97.

O governo sente pois a necessidade indeclinavel que terá de recorrer breve a novas emissões, pelo menos emquanto não for possivel tentar emprestimos externos.

Eis a verdade que resalta do contracto.

E para que nenhuma duvida pairasse em nosso espirito, o ministro da fazenda mandou communicar-nos pelos jornaes, que essa emissão de trinta mil apolices era destinada a consolidar a divida fluctuante.

Ingenua confissão!

Em janeiro, isto é, em meio de um exercicio, o thesouro apezar de já haver cobrado grande parte da receita annua, acha-se oberado com tal massa de bilhetes, que é obrigado a consolidar trinta mil contos!

Com que vae elle occorrer ás necessidades publicas durante o resto do exercicio, quando a receita diminue e os encargos, já muito superiores ao maximo do orçamento, avultam a cada momento?

Não terá outro recurso sinão emitir mais apolices, e illudir o Banco do Brazil, assim como illudio os seus credores de Londres, esbanjando em superfluida-



des o producto de um emprestimo contrahido para o fim especial da construcção de uma estrada de ferro.

Da mesma fórma, daqui a seis mezes ou menos, o thesouro emitirá apolices para cumprimento de algum contracto, e applicará o producto ás despezas ordinarias ou á novas dissipações.

Estas cousas são tristes de dizer para um brasileiro ; mas esse brasileiro é não só contribuinte, como credor do Estado ; e tem o direito de exigir que o thesouro de seu paiz porte-se ao menos com a probidade vulgar de qualquer negociante sisudo.

Desde 1864, estamos vivendo de emprestimos, que a principio se justificavam com a guerra, e depois com melhoramentos materiaes.

Agora já não é possível disfarçar ; e com os onus creados pela administração, com o esbanjamento de que a corôa dá o exemplo, estamos reduzidos á contingencia de fazer novas dividas para occorrer ás despezas ordinarias.

Os dissipadores, que se chamam financeiros, e o côro de pretendentes que os applaudem, não cessam de repetir a cada instante : — « *O paiz é muito rico.* »

Dizem a verdade ; tão rico é elle que tem resistido á insania dessa prodigalidade espantosa, que atacou o governo do sr. D. Pedro II nos ultimos annos.

Mas não ha riqueza que resista á semelhante furia de gastar. O Brazil é um paiz opulentissimo, porém muito novo ; si lhe exaurirem a seiva, antes que ella robusteça, farão do gigante um aleijão cachetico.

## O ENGODO DA PROTECCÃO

Os funestos effeitos da absurda doutrina economica, geralmente conhecida com a denominação de systema protector, ficarão bem assignalados, quando tratamos da agricultura.

Havemos de estudar os mais detidamente em artigos successivos, no intuito de estirpar de nossa administração esse vicio que atrophia um paiz tão opulento.

Agora nosso proposito é refutar o sophisma, com que a theoria da protecção consegue ainda illudir alguns espiritos rectos e captar as sympathias publicas, sob o disfarce do patriotismo.

Si já houve idea antinacional é essa ; mas deixemos que por si mesmo ella se retrate.

Ha certos ramos de trabalho que são geralmente cultivados em toda a cidade civilisada, apesar do atraso de sua industria. Não é possível conceber grandes agglomerações de povo, sem as profissões rudimentarias indispensaveis ás necessidades quotidianas.

O systema protector julga-se triumphante quando ampara com a sua doutrina essas profissões, exercidas em sua maxima parte pelas classes pobres. No seu entusiasmo, elle não se contenta com ser o promotor da industria nacional ; tem pretensões á philantropia.

Fallai com um de nossos proteccionistas e elle vos dirá quasi enternecido : — « A tarifa brasileira elevando os direitos da roupa, dos moveis, do calçado, garantio o salario aos nossos patricios alfaiates, marceneiros, sapateiros, e a suas

filhas costureiras. Sem a paternal sollicitude da lei, essas classes operarias não terião que fazer, e não ganharião os meios de subsistencia ; pois todas comprarião de preferencia o producto estrangeiro, por ser mais barato. »

Ora, vejamos os effeitos praticos da paternal sollicitude dos nossos legisladores ; e a obra de caridade do fisco. Como não escrevemos para os financeiros que sabem muito das theorias, e só temos em mira ser lidos pelo povo que paga o imposto ; deixaremos de parte as demonstrações doutrinarias ; e argumentaremos na linguagem chã do operario.

Aqui está uma costureira que actualmente ganha 2\$ pelo feitiço de um collete ; um alfaiate a quem pagão 10\$ ou mais pelo feitiço de uma casaca ; um sapateiro e um marceneiro que recebem de jornal 3\$ ou 4\$.

Antes de tudo releva notar que não trabalhando estes artifices directamente para o consumidor, mas por intermedio das officinas que lhe dão as encomendas, a carestia resultante da pauta elevada, não reverte tanto em proveito delles, como das lojas, que lucrão cento por cento.

Mas não fazemos cabedal dessa circumstancia ; vamos ao amago da protecção.

A costureira que recebe 2\$ pelo collete, o alfaiate que tem 10\$ pela casaca, o marceneiro e sapateiro que viram augmentado o seu jornal a 4\$, precisão viver, e para isso tem de comprar o necessario ; e como nesse necessario estão comprehendidos a roupa, os moveis, o calçado, temos que a final de contas o systema protector não melhora a condição das classes operarias.

Eleva o salario da costureira, mas eleva tambem o preço de movel que ella compra. Dá maior jornal ao marceneiro, mas obriga-o a pagar o sapato e a roupa pelo dobro do valor, e assim por diante.

Com essa carestia artificial, creada pela tarifa, acreditaõ porem os proteccionistas evitar que os productos estrangeiros inundem o mercado, lançando fora delle os productos nacionaes, e redusindo assim os nossos operarios á inercia.

Semelhante receio só pode nascer da absoluta ignorancia da lei economica da concurrencia.

No mercado dos generos de uso geral ha sempre consumidores para todos os productos, desde o mais fino ate o mais grosseiro e imperfeito. A questão é do preço ; visto como ha classes que são obrigadas a restringirem sua despeza, ainda com sacrificio do gosto e com prejuizo futuro.

Assim quando os productos estrangeiros inundassem o nosso paiz, nunca elles poderião rejeitar do mercado os productos nacionaes ; seria um absurdo acredita-lo. O mais que haveria a receber nesse caso, era a baixa de preço dos artigos brasileiros, que não sustentassem a competencia com os artigos de importação.

Algumas reflexões bastam para dissipar semelhante receio.

A grande virtude da lei da concurrencia é esta, que moderando o preço da mercadoria, ella augmenta a sua perfeição, pelos estimulos que desenvolve nos productores.

As sedas inglezas, emquanto foram protegidas por uma prohibição absoluta eram pessimas e caras. Em 1825 Huskisson, o grande financeiro, abriu o mercado inglez ás sedas estrangeiras, impondo-lhes apenas a taxa de 25 %.

Os fabricantes inglezes clamaram, considerando-se arruinados pelo governo ; mas annos depois elles competiam com as afamadas fabricas de Lyon, produziam o dobro ou o triplo mais do que antes, e ganhavam em proporção vendendo barato.

Quando Robert Peel reduzio á metade a taxa de 25 % das sedas, reproduziram-se iguaes clamores a que as leis economicas infringiram a mesma e cabal refutação.

Desde que a concurrencia abre a luta da industria nacional com a estrangeira, não podem resultar desse conflicto senão um ou outro destes phenomenos.



Ou a industria nacional tem raizes na indole, nos costumes, na aptidão das classes que á ella se dedicam; e neste caso a competencia é um fomento para seu aperfeçoamento, como aconteceu com as sedas na Inglaterra:

Ou a industria nacional não tem existencia propria, e vive apenas do consumo obrigado que deve á protecção da lei; e então si a concurrencia estrangeira a aniquilar e supprimir, em vez de mal ao paiz e aos operarios, faz-lhes um beneficio applicando essas forças deslocadas á um ramo de trabalho mais util e lucrativo.

Nas profissões urbanas, de que vivem as classes pobres das cidades, por mais imperfeito que fosse o producto nacional, elle acharia sempre a demanda, que nasce de certos costumes peculiares a cada paiz, e da circumstancia de proximidade.

Assim, apesar da pretendida inundaçáo estrangeira, as modistas desta cõrte haviam de continuar a fazer vestidos, os alfaiates não cessariam de fabricar toda a especie de roupa; os sapateiros, marceneiros, caldeireiros, funileiros, chapelheiros, luveiros, floristas, etc., continuariam a trabalhar em seus officios.

A differença é que trabalhariam mais barato; porém como tambem comprariam mais barato tudo de que necessitassem para sua subsistencia, não se aperceberiam da diminuicáo do salario.

« Então, acodem os proteccionistas; a concurrencia nada adianta. Que importa á costureira gastar só 1\$000, se ella tambem não ganha senão 1\$000? Tanto vale gastar 2\$000 ganhando 2\$000.»

Com isso mostráo quanto desconhecem o effeito logico da liberdade.

A concurrencia estabelece a balança entre a offerta e a procura, de modo que os productores ou os negociantes, seus intermediarios, têm de satisfazer-se com um lucro modico, afim de lutarem com os competidores.

Desta arte as condiçóes do mercado são reguladas pelo seu abastecimento combinado com as exigências do consumo, e o operario que percebe um salario de 1\$000 póde ter a certeza que, salvas as oscillações transitorias, seu salario está em proporção com o preço das subsistencias.

Não assim no regimen protector onde tudo é ficticio e arbitrario. O fisco sobrecarregando de 40 % o preço da mercadoria estrangeira augmenta o empate do capital, e diminue o abastecimento; por outro lado o productor nacional, contando com o preço elevado do importador, exagera o seu á vontade

Releva ainda notar que o preço do genero importado não representa o seu justo valor mercantil, por que n'elle entra a taxa dos 40 %, calculados sobre uma base geralmente excessiva.

E' obvio pois, que no regimen protector a carestia sendo um facto permanente e estranho ao movimento do mercado, não guarda a justa proporção que se observa no commercio livre.

Assim o operario póde, como succede nesta cõrte, obter grande augmento de salario e não ter o bastante para accudir as suas necessidades; por que a roupa e o alimento encareceráo mais do que o seu officio.

Cumpre ainda não esquecer, que se o operario pudesse trabalhar mais barato, elle trabalharia mais; pois haveria maior procura de seus serviços, o que é uma condição de prosperidade para as classes laboriosas.

Em conclusáo a obra de caridade do fisco se reduz a augmentar a somma de réis do salario, sem augmentar o bem estar do operario.

Ao contrario, reduzindo pela carestia o numero dos consumidores, elle tolhe o desenvolvimento do trabalho, e sopita todos os incentivos que concorrem para a perfeicáo das industrias.

O que a philantropia de nossos financeiros póde dar de si é opararios pobres e inhabeis.

## RIO DE JANEIRO

Não ha cidade mais vantajosamente situada do que o Rio de Janeiro.

A natureza, formando esta magestosa bahia, que é a primeira do mundo, e collocando-a no meio de regiões uberrimas, a destinou para um grande emporio commercial.

Mas á estas excellencias industriaes, a nossa capital reune bellezas que não possuem as mais opulentas cidades europeas, e que superam aos maiores esplendores da civilisação.

Infelizmente a formosura natural do Rio de Janeiro, á qual ainda falta o realce das obras de arte, nem sequer póde ostentar-se com uma elegante singeleza.

A proverbial negligencia municipal, achaque fluminense que vae crescendo com os annos, além de não corrigir os defeitos da cidade colonial, ainda por cima deixou introduzirem-se, quando não acorçoou, invenções repugnantes a hygiene, a architectura e até a decencia.

O estrangeiro que visita Pariz e admira os seus monumentos, recordando o nome dos reis e imperadores que legaram á humanidade esses prodigios de arte, é obrigado a reconhecer que o velho despotismo tinha ao menos sua grandeza.

Quem percorre a cidade do Rio de Janeiro, onde não ha um palacio, e todos os monumentos se reduzem a duas estatuas; sente quanto é jarreta e baldo de gosto o despotismo que nos governa ha trinta e seis annos.

Os milhões que elle tem despendido em pura perda, a pretexto de melhoramentos, si os tivesse empregado no engrandecimento e lustre desta cidade; hoje ao menos possuiria o Brazil uma capital, digna do imperio americano, e que o tornaria conhecido na Europa.

Tudo se move ao aceno desse poder soberano; entretanto elle que faz e desfaz os parlamentos, elle que inventa estadistas e produz ministros; não se lembrou ainda de inculcar nos homens mais importantes da cidade algum espirito municipal.

Grandes proprietarios, abastados capitalistas, negociantes e industriaes respeitaveis, não figuram na lista de vereadores, que algumas vezes mais parece de uma villa do interior, do que da cõrte.

O embelesamento das cidades é não só um timbre de seus habitantes, como uma questão de utilidade. São essas galas da civilisação que attrahem os ricos estrangeiros, os quaes deixam sempre grosso cabedal.

Quando o nosso *Jardim Botânico*, em vez da tapera que é, tornar-se o que deve ser, uma brilhante miniatura da opulenta vegetação brazileira:

Quando a encandadora enseada de Botafogo, ainda em parte mascarada por casebres e pardieiros, se transformar em uma avenida esplendida, com a qual não poderão competir os Campos Elysios, Hyde Parck, ou Prater:

Quando os lindos arrabaldes da cidade se ornarem de edificios elegantes, como os que já se encontram em varios pontos e mais pittorescos do que as habitações campestres de alguns suburbios de Paris:

Então veremos a nossa capital procurada pela melhor sociedade européa; e um brazileiro não terá mais o desgosto de lhe perguntarem no *boulevard* dos Italianos si o Rio de Janeiro fica no Mexico ou no Perú.

Mas este incremento, nós queremos que a cõrte o tire de si mesma, de seu municipio, que já é bastante rico para emprehender os melhoramentos de que precisa.

Não se alimente ella, como o tem feito até hoje, da seiva das provincias, que são mais pobres e carecem mais de subsidios.



O gaz, os esgotos, a agua, a luz, todo isto é pago pela renda geral, á qual o municipio neutro não tem nenhum direito.

É certo que alguns impostos municipaes são cobrados como renda geral ; mas quem não percebe, que foi essa uma habil confusão feita expressamente para incluir a côrte no orçamento ?

Tambem é verdade que a alfandega da côrte produz uma maxima parte da renda geral ; mas além de que essa repartição serve a varias provincias, releva notar que a corte tem tanto jus á renda de sua alfandega, como Bahia, Recife ou qualquer outra capital, á da respectiva provincia.

O Rio de Janeiro contem um funcionalismo numeroso, que ficaria muito reduzido si elle não passasse de uma cidade livre, como Hamburgo. Além disso ha o exercito de pretendentes, que semelhante á poeira luminosa dos cometas, faz cauda á administração, sobretudo a uma administração excessivamente centralisadora.

Ora além da vantagem que tira a capital desse augmento de população adquirido á custa das provincias ; é da maior injustiça que ella se locuplete com uma parte da renda geral, em detrimento das outras cidades tambem brasileiras.

O estado já retira das provincias, pelo actual systema de contribuições, uma quota exagerada.

Emquanto não se amplia a base do imposto provincial, ao menos tenha o poder geral a lealdade de não desviar nenhuma parte da renda de sua applicação legal.

A corte não carece dessas esmolos, feitas á custa das provincias pobres.

Reformado o nosso absurdo systema financeiro ; reduzidos a uma proporção moderada os impostos de consumo ; a subsistencia de tão cara que é, se tornará modica, e os habitantes da corte poderão sem grande onus, pagar uma taxa local, que elevará consideravelmente a receita municipal.

---

## EXHOMEM

LIVRO I — O DESCONHECIDO

### IV

Gabriella recebera educação esmerada em um dos melhores collegios da côrte.

Dotada de superior intelligencia e brilhante imaginação, ornara-se das prendas que realçam as senhoras distinctas.

Como devia acontecer, a cultura do espirito e o trato das outras alumnas, filhas das primeiras familias da côrte, crearam na menina habitos e estímulos de elegancia, que transformaram a roceirasinha em uma moça de supremo donaire e gentileza.

Terminada sua educação aos dezenove annos, Gabriella voltou ao seio da familia na *Soledade*. Embora estranhasse a mudança, conformou-se com a necessidade, e não deu a menor demonstração de enfado.

Muitas vezes o retiro e isolamento da fazenda avivavam-lhe a lembrança dos folguedos do collegio, e das galas da sociedade fluminense, que do fundo da sala de estudos ella via passar todas as tardes pela vasta calçada que cinge a formosa bahia de Botafogo.

Nessas occasiões Gabriella buscava a solidão para disfarçar a melancolia das recordações, e esconde-la ás pessoas da casa. Um passeio pela borda da matta-virgem, á sombra das grandes arvores, a restituia á calma do viver habitual.

Os sussurros da floresta e o gorgoeio das aves acabavam por abafar os rumores da cõrte que poucas horas antes enchiam sua alma, e a estavam chamando á vida agitada e elegante do Rio de Janeiro.

Quando voltava á companhia de sua mãe, já tinha passado de todo aquelle accesso de saudades. Na covinha onde borbulhava o seu meigo sorriso, ninguem descobria o vestigio recente da lagrima furtiva que ali rolara.

D. Margarida, porém, embora fosse uma senhora de espirito singelo e coração credulo, todavia pela admiravel intuição, que é um instincto da mãe, sentia que sua Gabriella não nascera para a existencia obscura da roça.

Quando á noite a moça vestida e toucada com o primor de seu bom gosto, sentava-se na sala onde apenas appareciam além do administrador e do capellão da fazenda, algum raro visinho; D. Margarida lastimava que não estivesse ali a sociedade da cõrte para admirar a graça que a filha exparzia em torno de si, e que enchia a vasta casa silenciosa.

Si da janella avistava a moça a passeiar entre os canteiros do antigo jardim abandonado, a boa senhora, apesar de sua falta de uso, conhecia que o pé mimoso e subtil da sua Gabriella carecia de um tapete avelludado onde pisasse; e que esse talhe airoso estava reclamando a ondulação da valsa em um salão de baile.

D. Margarida era viuva; perdera o marido tres annos antes; e desde então entregara a administração da fazenda a um parente, que por seu zelo e actividade conseguira conservar a lavoura do café no mesmo grão de prosperidade em que a deixara o dono.

Não tinha a viuva outra rasão que a prendesse á roça, a não ser o habito dessa existencia tranquillã e monotona do interior, á qual tanto se conformava a singelesa de sua indole. Mas esse commodismo, qual é a mãe que o não sacrifica á felicidade da filha querida?



Cogitou D. Margarida um novo plano de vida, que lhe pareceu indispensavel ao futuro de sua Gabriella; consultou o padre Moura, seu capellão; ouviu ao administrador, o capitão José Teixeira, assim como a outros parentes, e apoiada no voto unanime dsse conselho privado, tomou afinal a sua resolução.

Era esta a de pôr casa na côrte, e fazer ali sua residencia durante a maior parte do anno, vindo passar regularmente a festa do Natal na *Soledade*, onde se demoraria até principios de março, depois de passada a força do calor.

Gabriella recebeu com vivo prazer essa noticia; e pelas effusões de seu contentamento conheceu D. Margarida que havia satisfeito com seu disvello a um recondito desejo da filha.

— Tinhas vontade de morar na côrte, Gabriella?

— Oh! muita, mamãe!

— E nunca me disseste! acrescentou a mãe extremosa com um tom mais de queixa do que de exprobração.

— Não foi melhor assim? tornou a menina com um diluvio de caricias.

Gabriella, que tinha pelos prazeres da côrte a mesma golodice e avidez da creança pelo mel saboroso de que apenas provou algumas gotas, levou a taça aos labios, e bebeo a longos sorvos sem ver nem pressentir o palme grosseiro e amargo que havia no fundo.

Entregou-se ás seducções da vida fluminense, com a virgindade das emoções e toda a ingenuidade de suas illusões. Era um céu que se abria deante della, esplendido e deslumbrante, e no qual ella penetrava affoutamente, fraldada com suas azas de anjo.

Entre muitos adoradores, de que a cercara sua belleza, distinguuiu sem faceirice, como sem disfarce, com uma nobre e airosa naturalidade, aquelle que mais lhe havia captado a symphathia.

Esse, que era um dos moços mais distinctos de Rio de Janeiro, fez-lhe corte assidua nos bailes e reuniões. Affirmavam, e Gabriella o ouviu muitas vezes, que elle estava loucamente apaixonado.

Depois de um mez de galanteio, o moço declarou-se; e desde então não perdia ensejo de fallar de seu amor, já descrevendo a vehemencia de sua paixão, já fazendo sonhos do futuro.

Gabriella a principio escutava-o attentamente; mas ficava fria e indifferente. Depois distrahia-se com o movimento do baile a ponto de seu cavalheiro vexar-se da triste figura que fazia.

Ao cabo de alguma insistencia, o primeiro pretendente esquivou-se, e deixou o logar a um segundo, que não foi mais feliz. Ainda houve terceiro; mas o quarto já não encontrou a mesma condescendencia.

Gabriella estava desiludida. O amor, como ella o sonhava, não era essa parodia banal, insipida e monotona, que se representava nas salas; e da qual pretendiam distribuir-lhe o papel de ingenua.

Quando ouviu os mesmos protestos repetidos successivamente por seus quatro pretendentes, com o estylo convencional e já tão gasto da novella; quando conheceu que todos esses homens não eram mais do que mascaras de um typo unico, o namorador; Gabriella encheu-se de tédio por essa sociedade que um anno antes a fascinara.

Um dia sua mãe surpreendeu-a triste e pensativa :

— Que tens, Gabriella ? Acho-te mudada !

Ella corou.

— Tenho saudades da roça.

D. Margarida sorriu-se.

— Pois si queres vamos passar o Espirito-Santo na *Soledade*; e eu aproveitarei para a vacina dos crioulinhos, que não estando eu lá....

— Mas hade ser para ficar. Sim ?

— O resto do anno ?

— De morada, mamãe.

Cresceu a surpresa de D. Margarida :

— Já te aborreceste da côrte, Gabriella ?

— Já vi o que é. Gosto mais da *Soledade*.

A viuva, só por amor da filha, supportava o corropio da vida da côrte, e em segredo suspirava pelo socego da fazenda. Nesse mesmo dia pois mandou buscar a conducção para a volta; e antes de uma semana estava restituída á sua velha casa terrea da *Soledade*, onde respirava mais á vontade do que nas elegantes salas do Catete.

Todavia conservou por algum tempo ainda o sobrado que alugara na corte. Acreditava que o aborrecimento de Gabriella seria passageiro; e que no retiro e monotonia da fazenda não tardaria a voltar-lhe o gosto pelos prazeres, tão natural em sua idade.

A moça porém despedira-se por uma vez da sociedade. Resignada a casar-se sem amor, ella preferia aos affectos arrebitados das salas, a amizade chã e sincera de um fazendeiro, que soubesse respeitá-la, e a quem se ligasse, sem illusões, mas tambem sem desprezo, com uma estima sincera, já que Deus não lhe concedera amar.

Ainda se conservava nessa disposição de animo, quando o acaso trouxe ás visinhanças da *Soledade* o mancebo desconhecido.

O misterio indefinivel, cheio de encanto e magia, que outr'ora lhe enchera a alma de scismas e anhelos ardentes; o sublime



poema da felicidade, que ella tinha dentro do coração, mas como um livro cerrado, que sua consciencia não podia ler; o amor, que não encontrara nos salões dourados; ali estava naquelle ermo.

Não foi preciso declaração, nem phrases eloquentes; nem ternos rendimentos. Bastou um olhar. A paixão avassalou-a, sem que ella o sentisse.

(Continúa).

## BEOTICES

Conhecem o Cicero de Itaguahy?

É o sr. Manoel Cardoso.

Na sua ultima oração *pro murana* deixou a Assembléa boquiaberta.

« É sublime qualidade do homem politico saber as sciencias exactas, ser bom mathematico »; disse elle dogmaticamente.

A vista disto estou tratando de emendar a historia, e de substituir Richelieu, Pombal, Pitt, Cavour e Bismarek, por Lacroix, Pedro Nunes, Newton, etc.

Vejamos porém o que entende o nosso Cicero por *mathematica*. Elle vae dizer-nos com aquella candidez que torna sua eloquencia tão encantadora.

Ahi vae a continuação do trecho:

« Euzebio de Queiroz conhecia o seu partido por tal modo que com notavel presciencia elle assegurava o resultado da eleição antes de seu termo. Presentemente o conselheiro Paulino lhe succedeu na presciencia, etc. »

Assim a *mathematica* para o sr. Manoel Cardoso é a presciencia eleitoral; ou por outra o dom de prever todas as alicantinas e trapaças que podem alterar o resultado de uma votação.

Eu, como beocio, pensava que isto entendia mais com a physiologia ou sociologia; porém *magister dixit*; d'ora em diante fica pertencendo ás sciencias exactas.

Em verdade é preciso que o sr. Paulino de Souza seja um formidavel *mathematico* para contar de antemão com os votos de Itaguahy. O sr. de Nicterohy que o diga.

Naturalmente como sublime estadista o sr. Paulino de Souza faz esta equação algebraica:

$$MC : P :: P : G$$

« Manoel Cardoso está para Paulino, assim como Paulino está para o Governo. Ora Paulino está apontado para futuro ministro; logo Manoel Cardoso desde já se constitue seu caudatario. »

Depois de ler este discurso, o sr. de Nicterohy abriu o seu Phedro e repetio o conhecido verso do *leão velho*:

*calcibus frontem extudit*

O sr. Manoel Cardoso tambem já cita o seu latim; por ora é copiado do Visconde de Inhomerim; mas assim é que se começa.

Emquanto o sr. Cardoso (Manoel) descobria a mathematica eleitoral, Cardoso II, tambem Manoel, chimico-pharmaceutico á rua Primeiro de Março n. 55, fazia outra applicação importante das sciencias exactas á politica.

Pelo *Jornal do Commercio* de 17 de Janeiro annunciou um poderoso *tonico aphrodisiaco*, para restaurar a força propagadora destruida pela idade ou por quaesquer excessos.

Este chimico-pharmaceutico, me parece tão profundo estadista como o seu chará; são da mesma escola, — a das sciencias exactas.

Com a invenção do precioso *tonico*, que reforma no ministerio da agricultura? Já não temos necessidade de gastar milhões em colonisação, quando com uns mil réis podemos transformar este paiz em uma grande fabrica de gente — *hominum officinam*, como da velha Germania dizia Jornandes.

Em vez de pagarmos á *Companhia Transatlantica*, de que é presidente um conselheiro, cincoenta mil réis por cada *passaporte* que ella apresenta á secretaria, nós lhe pagaremos o dobro pela exportação das sobras de nossa população.

Agora como se arranjará a nossa pudibunda Camara Municipal, é que eu não sei. Ella a tapar certas cousas com as suas celebres venezianas; e o sr. Cardoso Manoel a vender o seu *tonico*!

O sr. chefe de policia vae ver-se em papos de aranha. Si os seus urbanos e guardas tambem se *tonificarem*, o que não está prohibido pelo regulamento, quem fará cumprir a postura das venezianas?

Sobre esta postura das venezianas, um litterato de estylo archaico, constame ter dito; que não era *postura*, mas *impostura*, de *im* privativo.

Concordo. Si a policia não tem força para fazer respeitar a decencia nas praças e ruas, onde se praticam as maiores obscenidades, e retumbam as palavras mais cabelludas; que luxo é este de tapar as janellas com umas grades de páu? Voltamos ao tempo das peneiras?

### *Majora canamus.*

Na Camara dos deputados houve pateada por causa de incompatibilidades.

A pateada não é parlamentar, isso não; mas desde que o governo anda fazendo comedia de tudo; o publico entende que tambem tem o direito de de-virtir-se.

Eu é que não percebo esta geringonça das incompatibilidades.

Dizem que o presidente não pode ser eleito porque exerce influencia sobre os votantes; e pela mesma forma o chefe de policia, os commandantes, os magistrados, os empreiteiros etc.

Mas quem os manda eleger não é o governo demittindo e nomeando a seu bel prazer?

Si a lei dissesse: « São incompativeis os candidatos do governo » então sim, a cousa ficava clara para mim.

O mais é uma burla; *teias de aranha* para os amigos, *malhas de aço* para os adversarios.

O snr. visconde de Jaguary quiz renunciar a presidencia do Senado.

Parece que o circumspecto chefe conservador não desejava assumir a responsabilidade muito grave de connivencia com esta infeliz situação.



Não entro nessas altas questões. A mim o que me contarão em segredo foi o seguinte :

No primeiro dia de preparatorias, indo ao Senado, o sr. visconde de Jaguary achou um amanuense arrumando certos objectos exdruxulos no archivo.

— O que é isto ? perguntou.

— Veio da secretaria do imperio ; respondeu o amanuense apresentando o officio da remessa e a lista dos objectos.

A lista continha o seguinte :

- « Uma lança gaúcha.
- « Uma borla e capello.
- « Uma pasta verde.
- « Uma arca de conferencias.
- « Um boião de quinino.

O visconde leu tres vezes ; abanou a cabeça e foi d'alli direito ao duque dizer-lhe que não servia para director de museu. Mas as cousas accomodarão-se.

..

*Lugele, camæne !*

O legendario Osorio, o nosso Bayard *sans peur et sans reproche*, acaba de ser amortilhado em uma toga senatorial.

Começarão por chrisma-lo. A gloria o tinha baptisado de Osorio ; mas o imperador, que é e será Pedro II, o alcunhou de marquez !

Um homem feito de churrasco, cujo officio tem sido acutilar carne humana, e que divertia-se em enfiar na sua lança uma espetada de paraguayos, arvorado em marquez das hervas ou do herval, que vem dar na mesma !

Ainda se fosse marquez dos valentes ou marquez dos gaúchos !

Não contente com isto fazem-no senador, e vão metter o leão naquelle pateo do campo de Santa Anna, onde já existem um lobo, um lobato, uma anta grande, um leitão, um carneiro, e um cameloão.

Com que fim ? A não ser para representar ao vivo a fabula do *leão e do mosquito*, não atino

Mosquitos é o que ali não falta. O snr. Zacarias todas as manhãs, quando desce de Santa Thereza, onde elles abundam, tem a malicia de trazer os bolsos cheios dessa praga, que por divertimento vae soltando sobre os ministros e ate sobre os collegas.

..

O sr. Pinto de Campos ainda continúa a ser *Pintus in casca*. É um ovo senatorial que tem custado a tirar !

Ha quem supponha que o ovo já está goro.

As velhas costumam deitar no ninho um figa ou um raminho de arruda para afugentar o quebranto.

Tome a receita, monsenhor ; que é excellente. Um pouco da arruda de que falla Cicero — *ruta sermonis* ; combinada com o *pulegium* daquella biographia...

Não leve a mal este innocente graçaço, de quem o ama, monsenhor ; é preciso rir desta nossa farça politica. O sr. devia saber que os senadores do Brazil não se fazem nas urnas, mas na copa do chapéo imperial. Escreva menos e tenha mais geito.

O sr. Tarquinio, apesar de Tarquinio, não conseguiu decepar a papoula Diogo Velho, que brotou-lhe no jardim, sem que elle a plantasse.

Com ser *Amaranto*, recendendo não só talento como incenso da igreja, pensava obter graça perante uma regencia catholica; mas a papoula é flor imperial, toma a côr que lhe dá o sol.

Já foi uma honra que o sr. Caxias lhe permittisse servir de acolytho ao ministro da justiça. Naturalise-se Bahiano, que a Bahia é terra onde não pegam esses enxertos politicos, nem mesmo de garfo, quanto mais de borbulha.

..

O sr. Jobim propõe-se a continuar no Senado as suas conferencias luzas; mas em attenção ao parlamento, deixará de parte por em quanto, os reis affon-sinhos e bragantinos, para tratar das *Cortes de Lamego*.

Um jornal da Victoria — a *Gazeta do commercio* censurou o illustre senador por gastar o tempo com estes alcaides da historia portugueza e deixar em completo abandono os interesses da provincia que representa.

Mas penso eu que ahí ha equívoco. O sr. Jobim não é senador da *Provincia* do Espirito Santo; mas senador do Espirito Santo, ou como diz o povo, Senador do *Divino*.

..

Um homem de mais obras do que palavras é o sympathico sr. Coelho de Almeida.

Elle só fez um discurso; mas contractos?...

Não tem conta já. S. ex. é o concontractador-mór do imperio; e o sr. de Co-géipe vae pagando e chalaçando. Elle lá sabe porque.

Desses contractos um dos mais singulares é o das *aguas*. Tratando-se da cousa mais liquida deste mundo, os intrigantes tem o descoco de dizer que muita gente *comeu*.

Calumnia! Si dissessem que tinham bebido, vá. Os nossos classicos usavam dizer *sede de ouro* e no contracto falla-se de um *rio de ouro*.

Nós, o povo, é que, segundo a verdade official, vamos beber agua com farta; mas é agua um tanto salobra, para não dizer salgada.

Si leva para cima de desesseis mil contos de reis do suor do povo brasileiro, além do mais que se pagar a titulo de indemnisação!

O sr. ministro bem podia fazer-nos um favor. Mande publicar a lista dos advogados de seu ministerio! E' mais util do que a dos advogados do conselho de Estado.

..

Não ha semana em que os jornaes não publiquem o *offerecimento* gratuito que o sr. Abilio faz de uns tantos mil exemplares de seus livros da infancia para esta ou aquella eschola; e em seguida os agradecimentos e elogios merecidos por esse acto philantropico.

Não me lembro porém de ter lido nunca, em jornal algum, qualquer agradecimento do sr. Abilio ás provincias que lhe tenham comprado exemplares de seus preciosos livros da infancia.

Será possivel que nenhuma provincia se lembrasse ainda de adquirir aquelles excellentes compendios, e estejam todas á espera da esmola?

Que desprezo pela instrucção publica!...



Eu que sou um beocio, obrigo-me a presentear o governo e as provincias com um milhão de exemplares de qualquer obra, si elles me comprarem apenas uns cem mil pelo preço taxado.

Cada vez me convenco mais de que um homem pacato não deve metter-se com o ministerio da Agricultura.

Estão vendo a questão da estrada de ferro da Uruguayana?

E' uma questão que joga toda ella com — *terra secca, terra molhada, pedra solta etc.*

Ora terra secca é poeira; terra molhada é lama; e pedra solta, é aquillo de que se faz a pedrada.

Felizmente os contendores são gente fina; e de toda a discussão, o que que sahiu foi o ministro deitar poeira nos olhos do sr. Viriato de Me-deiros.

Quando isto acontece a elle, que é Viriato e engenheiro mestre, quem se pôde julgar seguro?

A *Imprensa Industrial* censura o risco da nova Praça do Commercio.

Não lhe acho razão.

A architectura é mais que as outras a arte em que se reflecte o genio de uma época e de um povo.

Quando se admira a *Bourse* de Paris, sente-se a afinidade artistica desse com os outros monumentos da grande capital, que erigiu o Louvre, as Tuilleries, o Pantheon, Magdalena, etc.

Quem visita o *Royal Exchange* em Londres já espera encontrar ali a magnificencia de *Custom House, Westminster etc.*

Assim o estrangeiro, quando ao desembarcar em nosso porto avistar os dous quadrados da Alfandega e do Paço, não terá a menor surpresa vendo esse terceiro quadrado da Praça do Commercio. E o que se chama uma obra *maciça*.

A bolsa de Paris parece-se com a estatua de Molière; a de Londres com a estatua de Shakspeare; a nossa dá ares do nobre Visconde de S. Salvador de Mattosinhos.

O *Globo* annunciou um destes dias que já estava contractada com um livreiro de Lisboa a publicação da grande obra do Sr. D. Pedro II.

Parece que vamos ter um livro *septem linguarum*, como o Calepino: e eu avalio que hade ser um bacamarte formidavel.

Si o Sr. Pinto de Campos que apenas foi a Jerusalem, montado em um jumento, trouxe-nos de Lisboa um formoso volume de mil paginas in 4º grande; quantos tomós não encherão as impressões de viagem de um Anacharsis (não é o jovem) que tem voado pelo mundo inteiro?

Essa obra monumental será mais um tropheu para o Brasil, a quem o seu gracioso soberano não cessa de engrandecer, como a terra que tem a fortuna de o possuir.

Não está ahi a prova nessa lembrança de publicar a sua obra no estrangeiro?

O Brasil possui typographias, e entre ellas uma chamada nacional com a qual se tem gasto sommas avultadas. Não ha um anno que enviamos á Phyladelphia especimens do nosso adiantamento nessa arte.

Ninguém melhor o sabe do que o Sr. Pedro II, que seguiu de perto os principaes daquelles trabalhos, levando o seu zelo ao ponto de rever as provas. Que honraria para a classe dos revisores!

Porque motivo pois nosso glorioso monarcha não confiou os seus augustos originaes aos compositores brasileiros?

Falta de patriotismo não é; affirmo com todas as forças. Quem não conhece o enthusiasmo, e até fanatismo do Sr. D. Pedro II pelos homens e pelas cousas de sua terra?

Elle visita como imperial cliente aos sabios, litteratos e escriptores estrangeiros, enquanto os do paiz que se contentem com algum emprego e algum dinheiro.

Mas isso mesmo é um testemunho de quanto ama o Brasil. Esses sabios e escriptores visitados, elevando ás nuvens o nosso Imperador, não nos exaltam a nós seus subditos? Não ha grunpa sem torre.

Da mesma forma publicando seu livro na Europa, e vertido em todas as linguas cultas, o imperial author mostra que o escreveu para o mundo; e não para o seu paiz.

A nossa gloria portanto, que é a sua, em vez de ficar exilada aqui neste canto da terra, encherá o orbe; e de toda a parte, turcos, abyssinios, egypcios, perguntarão: « Qual é o Brasil deste grande Imperador? »

Ha uma lacuna na noticia de Lisboa. Não se diz si já estão contractados os diversos traductores; e si (é o mais importante) haverá tambem algum traductor para o portuguez, como já se tem dado com certas obras.

Eu julgo indispensavel essa referenda para cobrir a corôa; sem o que a obra não será constitucional.

Supponhamos que por um cochillo de Homero lá escapa um erro de grammatica. Que hade fazer a critica? Pela nossa constituição o imperador não pôde errar; é preciso portanto que haja um traductor ministro, a quem chamemos á conta pelos solecismos da futura obra.

Tambem seria conveniente contractar desde já os criticos de todas as linguas para terem promptos os seus artigos apologeticos afim de serem immediatamente publicados. Para isso não precisam elles conhecer o livro; basta que fallem do author.

..

Continua a epidemia dos retratos. Depois do sr. Lamenha, ja é o vigesimo ou trigesimo caso.

O mais recente é o do sr. dr. Pires Ferreira. Conforme o costume os offerntantes receberão o seu copo d'agua.

Houve discursos; mas não se publicaram.

Antigamente chamava-se a estas festas dadas em honra de um benemerito uma *ovação*; porque matava-se para o banquete uma ovelha, em latim *oves*.

Actualmente como se chamarão? Penso eu que ainda podemos dar-lhe o mesmo nome; porque o copo d'agua se compõe de bolinhos em cuja massa entra invariavelmente o *ovo*, do latim *ovum*.

De todas as *demonstrações honrosas* que andam tão em voga, a dos retratos, é sem contestação uma das uteis porque anima uma arte, que já tem no Brazil muitos cultores e alguns de raro talento.

Eu não tenho nada que dizer contra os retratados; apenas quanto ao sr. Conselheiro Duarte de Azevedo fiz esta reflexão que é um grande disparate.

Nos outros paizes a policia costuma tirar os retratos de certos individuos de cuja vera effigie ella precisa.



No nosso, onde tudo anda as avessas, a policia tira o retrato do ex-ministro, não pelo que fez em bem do paiz, mas pelo que fez em bem dos empregados.

O governo a corromper-nos e o jury a barbarisar-nos, onde vamos parar?

Eu confesso que não entendo este Rio de Janeiro, o que não é de admirar, porque elle proprio não se entende.

Si Diogenes apparecesse aqui um destes dias de mais sol com sua lanterna acesa á busca de um sujeito que sustente a pena de morte, creio que teria o mesmo desgosto que em Athenas quando procurava um *homem*.

Nos circulos, nos jornaes, nos clubs, nas salas e nos bonds, por toda a parte onde se formam as varias opiniões publicas; não encontraria esse anachronismo.

Entretanto no jury esses mesmos deffensores da inviolabilidade da vida humana, que não reconhecem na sociedade o direito de supprimir uma féra bipede; dão a cada individuo o poder de lavar com sangue suas injurias privadas!

Em pleno seculo XIX, no seculo da intelligencia, essa ferocidade da honra, é uma affronta á civilisação. Não ha nesta era do pensamento uma macula, que a razão não baste para apagar. O sangue não lava, suja.

O *Diario do Rio* referindo-se ao *Protesto* nos applicou espiritosamente o anxim: *Segredo de tres, o diabo o fez*.

Nestes tempos que correm não é máo ser diabo, ainda que não seja senão nas obras. Infelizmente não o somos.

Ah! si o fossemos, em vez de arranjar esse segredo de tres, que tanto dá que fazer, inventariamos outro melhor, este, por exemplo:

PROTESTO. *Jornal do diabo*.

Então é que nos choveriam os leitores, os admiradores, as ovações, os retratos, as musicas, os banquetes e até as polkas; todo o apparelho triumphal agora em moda.

Quanto ao conhecido escriptor que o *Diario* pretende associar-nos, a *Senio*, si elle é o autor do romance *Exhomem* ignoramos; pois já ficou referido o misterio com que nos foi remettido esse original.

Uma destas manhãs ouvi na escada uns dialogos cortados de excellencias rasgadas.

Fiquei todo alvoroçado pensando que tinha em casa pelo menos um pedaço do ministerio. Que honra para um coisa, como eu, ser visitado por semi-deuses!

Averiguado o caso era o meu creado que palestrava com o padeiro, o açougueiro, e o caixeiro da venda.

Já não me admiram pois as torrentes caudalosas de excellencias que todos os dias vejo nas folhas. Ainda hoje, 1 de fevereiro, o *Jornal do Commercio* traz uma longa lista só das excellencias da Rua da Quitanda.

Ha ahí excellencias de todo o preço desde 100\$ até 1\$. Ha tambem excellencias anonymas e por preços modicos, 5\$, 2\$ e 1\$.

Eu sabia que a excellencia andava muito barata, mas por dez testões, o preço de uma garrafa de cerveja!... É de graça.

Em todo o caso eu espero que chegue á pataca, 320 rs. para comprar a minha.

# O PROTESTO

## O PENNACHO FUNESTO

Ha coincidencias singulares que pela sua insistencia inclinam o espirito á superstição.

Desde 1856 a queda do partido conservador é assignalada pelo mesmo e fatal acontecimento.

Quando o imperador resolve em seus altos designios cobrir a cabeça do ministerio com o chapéo armado de seu marechal e ajudante de campo; póde-se com certeza predizer o proximo fim da situação conservadora.

O funesto pennacho, se tem sido no campo de combate o symbolo da victoria, é infallivelmente nas lutas politicas o nuncio da derrota.

Em 1856 o gabinete de 4 de Setembro perdeu seu chefe illustre, o marquez de Paraná, nas vésperas da eleição. As difficuldades de uma reorganisação naquelle momento levaram á presidencia interina do conselho, o sr. marquez de Caxias, que nunca nos mais altos vãos de sua ambição, podia considerar-se um estadista.

Mas o sr. D. Pedro II tem como Jupiter o poder de tirar da cabeça as Pal-las armadas; sem que para isso careça da operação a que sujeitou-se o pai dos deuses.

O ministerio acephalo de 4 de Setembro arrastou-se por alguns mezes até que na abertura do parlamento o sr. Caxias teve a satisfação de entregar o poder ao gabinete liberal do marquez de Olinda.

Foi o primeiro agouro do funesto pennacho.

Volveram os annos; e os conservadores de novo consolidaram-se no poder. Retirando-se o gabinete Ferraz, entendeu a corôa que era indispensavel um gabinete militar para suffocar a exaltação popular, que se manifestara nas eleições da côrte.

Voltou de novo á scena o chapéo armado do sr. marquez de Caxias, e desta vez acompanhado de um valente sabre de marinha, o finado visconde de Inhaúma.

No curto periodo de um anno, o sr. marquez de Caxias deu conta da missão que lhe confiara a corôa; e conseguiu debellar pacificamente as exaltações dos adversarios, sacrificando seu partido.

Se as victorias campaes do inçlyto general fossem como suas victorias politicas, elle não seria de certo cantado em prosa e verso como a primeira gloria militar do Brazil.

Ao abrir-se o parlamento em 1862, era tal o descredito do gabinete de 4 de Março, que todos os conservadores sinceros reconheciam, como actualmentem, a urgencia de uma nova composição que restituísse á situação a força perdida.

O sr. Caxias, obstinou-se no poder, promovendo com essa imprudencia a cisão que privou para sempre o partido conservador de homens proeminentes.



Dias depois o partido conservador cahia, repellido pela corôa, trahido pelos seus, e condemnado pela opinião, que lhe imputava todos os erros e todas as maculas de alguns ambiciosos.

O sr. Caxias, vendo a ruina em que deixara seu partido, não fez acto de contricção ; e attribuiu a outras causas um desastre que foi sómente obra sua.

Quando em 1875 o imperador se preparava para sua viagem á roda do mundo, aconteceu o fracasso do sr. Rio Branco. Esse brilhante e facil presidente de conselho desmoronou-se com a crise bancaria, e foi levado pela onda dos saques e recambios.

A corôa tirou outra vez a lume o sr. duque de Caxias, que desde 1871 ella tinha de reserva para uma mão de empenho. Pela terceira vez o funesto pennacho fluctuou na cimeira do poder.

O partido conservador portanto pôde preparar-se para a adversidade, que o sr. duque de Caxias pela mão do sr. de Cotegipe lhe está preparando.

Nada é mais natural no jogo do systema representativo do que a alternativa dos partidos no poder.

Os conservadores podiam por qualquer circumstancia deixar o governo. Mas cahiriam com dignidade ; e robustecendo-se na opposição não tardariam a reassumir a direcção dos negocios publicos.

É preciso porém que se cumpra a sabia politica deste reinado, cuja norma é que os partidos, como os ministros, não devem deixar o governo senão depois de gastos e corrompidos pelo abuso do poder.

Por isso ainda permanece um pseudo gabinete conservador, cuja unica missão é consumir a obra de desmoralisação, tão bem começada por seu antecessor.

Quando esgotar-se o cathalogo das concessões indecorosas, quando não houver mais transacções possiveis, quando o partido conservador cahir no descredito e abatimento a que chegou em 1862 ; então será elle enxotado do poder, senão como um lacaio infiel, certamente como um cortezo impertinente.

Haverá então quem brade contra essa resolução, repetindo por sua vez aquelles retumbantes echos de *golpe de estado*, *despotismo*, *attentado*, e outros que ouvimos em 1868.

Nós porém havemos de applaudir esse acto de justiça ; e no dia da adversidade, em que se dissipam todos os ressentimentos, lembrem-se os conservadores do aviso que lhes dirigimos : lembrem-se do pennacho funesto.

---

## A JUSTIÇA

Uma das causas, e por ventura a mais efficiente, do nosso estado social, é sem duvida a justiça publica, ou antes a sua annullação.

Possuimos uma organisação judiciaria talvez mais apparatusa do que exigiam as condições do paiz ; o quadro de nossa magistratura é relativamente superior ao de nações mais adiantadas ; o nosso fóro tem na côrte e cidades populosas uma actividade que contrasta com a geral apathia do espirito publico.

Mas no meio de toda essa ostentação e affan, não ha de justiça mais do que o simulacro.

É um phenomeno curioso o que se observa com o nosso poder judiciario, e que aliás não é senão o reflexo ou consequencia do que se passa no exercicio de todos os outros poderes politicos.

Os magistrados brasileiros são com poucas excepções homens integros, que mais ou menos sabem o seu officio de julgar, e entre os quaes ha muitas illustrações.

Entretanto os tribunaes unos ou collectivos onde funcionam esses mesmos magistrados probos, em regra geral não correspondem á sua augusta missão.

Donde vem essa anomalia, e como explical-a ?

Nada mais simples, nem mais claro para quem acompanha o desenvolvimento das instituições e conhece nossos costumes publicos.

Consagrou-se em nossa politica o principio de que o homem de estado em negocios relativos ao governo não obedece aos mesmos principios de moral e justiça que o homem privado em suas relações civis.

São dois entes á parte ; um que respeita e segue os dictames da honra ; outro que não conhece lei mais sagrada do que a conveniencia.

Para este monstro de duas faces e duas consciencias, aquillo que feito pela mão do particular seria um acto deshonesto e até um crime ; praticado pela mão do politico é simples transacção e meio de governo.

Assim é que todos os nossos estadistas ainda os mais honestos tem usado dos dinheiros publicos em proveito de seu partido e de seu dominio ; ainda mesmo aquelles que tratando-se de si exageraram o escrupulo, como Euzebio de Queiroz, para não fallar senão dos que já pertencem a historia.

Ora a politica em nosso paiz avassalou tudo ; e a influencia nociva de seus preceitos desabusados penetra por todos os ramos da autoridade, e ainda mais pelos tribunaes.

Uma boa parte de magistrados são attrahidos pela fascinação de governar, e vão contrahir nas presidencias, no parlamento, no ministerio, habitos de condescendencia, contrarios inteiramente á austera missão do julgador ; habitos que transportam depois para o tribunal, insinuando ali o máu exemplo.

Outros que ainda não foram admittidos aos mysterios de Eleusis, se preparam para a proxima iniciação e tambem periclitam. O resto como hade subtrahir-se aos caprichos da deusa de quem depende o seu adiantamento ?

Deste modo todos os magistrados são politicos ; uns pelos empregos, outros pelas esperanças ; uns por si, outros pelos parentes e amigos ; uns por entusiasmo, outros por necessidade e dependencia ; e tambem os ha por despeito.

Esses homens, assim eivados de uma moral facil e ambigua, não podem compenetrar-se de toda a responsabilidade do sagrado ministerio que a lei confiou-lhes.

Accessiveis ás paixões, aos caprichos, quantas vezes a sentença que proferem não é outra cousa mais do que um acinte ou uma cortezia, se não revela a negligencia e irreflexão ?

O verdadeiro juiz é aquelle que sentenciando uma causa se considera depositario do direito que nella se litiga ; e sabe que deixando impune o delinquente, se conslute o cumplice do assassino, do burlão, do diffamador ; porque assim concorre para que se roube a vida, a propriedade e a honra do cidadão.

Quando porém o juiz se considera um simples dispensador de graças e mercês entre as partes litigantes, então não ha justiça ; e a todo este custoso apparatus de tribunaes togados com o seu indigesto farelorio, é preferivel a singeleza do *cadí* ou mesmo a simplicidade comica do famoso Sancho Pança.

A nossa magistratura não só abalou a confiança, que outr'ora inspiravam as sentenças dos tribunaes togados ; como tem concorrido poderosamente para a desmoralisação do jury.

Que estímulos póde ter o cidadão jurado para bem decidir, quando elle vê todos os dias o primeiro tribunal de seu paiz proferir como sentenças os maiores absurdos, e cahir nas mais ridiculas contradicções ?

O problema da justiça social é daquelles que ainda esperam solução.



Inventaram a vitalicidade, como um pedestal de independencia para o magistrado, e quantas vezes ella não se torna o reducto de onde o máu juiz escarnece da opinião publica ?

Para nos só ha uma independencia real : é a do character, a da innata dignidade. Essa independencia artificial, que a lei pretende construir com os cargos inamoviveis, e os accessos por antiguidade, não passa de uma burla.

Aqui está um desembargador a quem o governo não pôde mais nomear nem demittir, e que tem sua carreira traçada fatalmente.

Mas esse desembargador, sem fallar de suas ambições politicas e administrativas que a lei pôde tolher, é um pai de familia ; tem filhos, genros e parentes a empregar ; está ligado a certos advogados pelas cordas do coração ; ou vinculado a certos credores por dividas contrahidas.

Elle é juiz vitalicio ; mas acha-se preso á sociedade pela teia dos interesses que nella se agitam ; e hade soffrer necessariamente a repercussão desses interesses.

Um exemplo :

A lei permite ao juiz dar dinheiro á premio ; e ha muitos juizes que emprestam sobre hypotheca. Ora quem pôde duvidar que o juiz credor hade invariavelmente interpretar a lei no sentido mais favoravel ao mutuário : assim como o juiz devedor hade pender sempre para o mutuante ?

A conclusão a tirar deste e de outros factos analogos, é que o verdadeiro typo legal do juiz ainda não foi creado pela sociedade.

---

## EXHOMEM

### LIVRO I — O DESCONHECIDO

#### V

A primeira claridade do dia passando atravez da rotula foi acariciar o rosto de Gabriella, deitado sobre o travesseiro de setim, entre os frócos de rendas da fronha bordada.

A moça adormecida abriu frouxamente as palpebras, para cernal-as de novo, cedendo ao somno. Mas de repente sentou-se na cama; enfiou os olhos pelas rotula, e ergueu-se de salto.

O aposento era como ella mesma, pelo gosto e elegancia, um exotismo no meio, não só daquella fazenda, como de todo o municipio, então muito afastado ainda da riqueza e progresso que agora ostenta. Parecia que uma fada transportára o mais faceiro toucador da côrte com a sua gentil dona, e o encravara no antigo casarão, typo das primitivas habitações ruraes dos lavradores abastados.

Gabriella vestira-se rapidamente. Debuchava-lhe o talhe uma linda fardeta de velludo preto que servia de corpinho á saia de montar feita de panno pardo. Na cabeça tinha um chapéo de castor, com o véo de filó verde enrolado pela copa.

Quando transpunha a porta, retrocedeu a moça de repente; e foi de novo consultar o espelho acerca da elegancia do seu traje. Não era ella faceira, e com a consciencia que tinha de sua graça natural, não se demorava na escolha dos enfeites e adereço de sua pessôa.

Nessa manhã porém tornara-se difficil; nada lhe parecia bem; e apenas inclinava-se á um adorno, logo vinha-lhe o receio de não ser de bom gosto, ou de não combinar com o traje.

Deixando afinal seu aposento, a moça atravessou apressada a varanda, que prolongava-se por toda a frente da casa, e foi sahir no pateo lateral.

Na aza fronteira das edificações que fechavam aquelle pateo, estavam as cavallariças, onde ouvia-se o tropel dos animaes e vozeio dos pagens. A' porta appareceu Carlinhos:

— Ja mandei sellar! gritou elle para a irmã.

Gabriella, moderando sua impaciencia, deu alguns passos a esmo pelo pateo, á espera de que se apromptassem os animaes. Notando que a porta da capellinha estava aberta, lembrou-se de fazer oração.

O capellão, sentado no confissionario, esperava duas velhas escravas da fazenda, que na vespera tinham-lhe pedido a santa communhão; e as quaes se dispunha á ouvir antes da missa.

Era o padre Moura um velho de setenta annos, de aspecto veneravel, repassado de uma gravidade compassiva e benevola. Sua physionomia tinha o sello evangelico do sacerdote christão.

Vendo entrar a moça, ergueu-se para ir-lhe ao encontro:

— Tambem se quer confessar, Gabriella? perguntou elle com seu meigo sorriso depois de trocar a saudação matinal.

— Eu? exclamou a moça sobresaltada. Não, quem lhe disse?

— Estava gracejando; respondeu o velho a quem não escapara a perturbação da menina. Que pecados póde ter sua alma de pomba, Gabriella?

— Não sei; disse a moça commovida.

— Sei eu que não tem nenhum. Já não a confessei tantas vezes?

— E' verdade; mas agora não.



Chegavam as penitentes. Gabriella aproximou-se do altar, fez oração e sahiu da capella.

Os animaes sellados já estavam no pateo, junto á varanda. Ella montou um lindo cavallo moiro e partiu acompanhada por Carlinhos. Passada a tronqueira dispararam a galope pela estrada em direcção á Valença.

Esse passeio fôra combinado de vespera entre os dois irmãos com permissão de D. Margarida; mas a idéa d'elle era de Gabriella, que tinha um plano. Agora que chegava o momento de o realizar, estava indecisa, e deixava-se guiar pelo menino.

— Vamos á casa de Angelica ? disse a moça depois de um tempo de galope.

Com o estouvamento proprio da idade, o Carlinhos voltou á direita da estrada, e mettendo-se nas veredas que enredavam-se pelo campo, continuou a correr, festejando com risadas os gritosinhos de susto que soltava a irmã, quando os galhos das arvores ameaçavam-lhe o chapéo.

Chegaram a um pardieiro, que já não tinha aspecto de casa, mas ainda servia de habitação ao Ignacio, o qual ahí vivia com a mulher. D. Margarida por vezes offerecêra aos dois velhos outra casa no quadro da fazenda, onde estariam melhor agasalhados e mais proximos de socorros ; porém recusaram obstinadamente ; queriam morrer ali onde tinham vivido.

Ao tropel dos animaes veio á porta uma parda velha.

— Adeus Angelica ! disse Gabriella de longe.

— E' nhan Gabriella ! Cada vez mais bonita ! E nhô Carlinhos ? Já está quasi um homem ! A benção ! . . . Como está minha senhora D. Margarida ?

Em quanto Carlinhos dava uma cresta nas goiabeiras, Gabriella conversou com a velha, que fez a resenha minuciosa de todos os seus achaques novos e velhos, da peste das galinhas, da praga dos gambás, e de todas as ephemerides caseiras.

— Quêde o Ignacio ?

— O meu velho anda na lida, nhan Gabriella. Tambem se queixando sempre e banzeiro.

— Não deve trabalhar tanto ; já está muito velho. Outro dia carregou um tronco tão pesado, que atirou-o ao chão e o ia matando.

— Quem lhe disse, nhan Gabriella ?

— Já não me lembro; respondeu a moça disfarçando á sacudir com o chicote a poeira do roupão.

— Havia de ser o moço que ajudou a elle.

— Que moço é?

— Não sei, um que está morando na *Cachoeira*. Hade ser parente do Marcondes.

Gabriella chamou Carlinhos e seguiu adiante consultando o relógio que trazia no bolso da fardeta, preso á cadeia de ouro. O caminho que ella tomou cortava por dentro da matta, e passava perto da cascata.

De longe a moça avistou o desconhecido, sentado no tronco do jetahy, como o via todas as manhãs; mas naquelle momento em vez do livro tinha na mão uma flôr de parasita que estava admirando.

O rumor do passo dos animaes, o tirou do seu embevecimento. Ergueu a cabeça; seu olhar sereno, doce e candido, foi pousar no formoso semblante de Gabriella; e deteve-se contemplando-a com placido enlevo, como se continuasse nessa imagem a mesma admiração que lhe inspirara a flor; pois eram ambas a obra divina do Creador.

Gabriella não vira cousa alguma, desde o momento em que o olhar do mancebo fitou-lhe o rosto. Sentiu porém uma impressão igual a que experimentaria se atravessasse um lago de chamma etherea; e quando na volta do caminho, escondeu-se do desconhecido, embora inundasse o espaço um sol brilhante, pareceu-lhe a ella que entrava na sombra.

Apagara-se a luz do céu, deante da qual essa luz da terra era um frouxo e pallido crepusculo.

O resto desse dia, Gabriella esteve de uma alegria infantil. Carlinhos não fez mais artes, nem deu mais frescas risadas do que ella. D. Margarida vendo a filha travessa e alegre, contra o costume, disse-lhe gracejando:

— Viste passarinho verde, Gabriella?

— Estou contente, mamã.

— Eu sei o que é; disse Carlinhos.

A moça voltou o olhar inquieto para o mano, mas percebendo lhe no arsinho brejeiro a vontade de metter-lhe susto, correu a elle e affogou-o de beijos, que talvez não fossem todos em sua intenção.

No dia seguinte, embora não perdesse a alegria da vespera, já não tinha as mesmas vivas effusões. Percebia-se a preocupação.



A cada momento sobresaltava-se. O menor rumor fóra a estremecia; chegava soffrega á janella; uma curiosidade impaciente e vaga a trazia em constante agitação, de um ponto a outro.

Ella mesma não saberia explicar o que sentia n'essa occasião e o que esperava. Obedecia a um impulso novo que não deffinia e do qual ainda não tinha consciencia.

Imaginava a todo o instante que ia operar-se de repente uma revolução em sua vida. Algum facto estava imminente, que devia decidir do seu destino. Na sombra desse acontecimento futuro, fixava-se de repente aquella imagem que fluctuava agora no fundo de todos os seus pensamentos.

(Continúa)

---

## BEOTICES

Todos já deram sua opinião ácerca da falla do throno; eu tambem quero dizer o que penso.

E' uma falla do throno feita na ausencia do imperador; isso logo se conhece.

Ha ahi uns erros de orthographia que não teriam escapado si as provas fossem revistas por Sua Magestade em pessoa.

Quando eu digo orthographia, não me refiro á grammatica vulgar da plebe; mas á grammatica bragantina, que tem regras especiaes.

Assim quando o rei falla, o pronome pessoal e o verbo, ainda que estejam no meio da oração, escrevem-se com maiuscula.

Si um rei bragantino dissesse *eu me sinto* em minusculo, derogaria de sua magestade, e se confundiria na chusma dos mortaes.

E' preciso que elle diga *Eu Me Sinto* com tres capitaes para mostrar que não é feito da mesma carne e do mesmo osso que nós outros a ralé de Adam.

Ora a Princeza Imperial que, fiel á pragmatica, diz *Me, Meu Augusto e Presado Pae, Minha Amada Mãe, Meu Consorcio*; deixou passar *cabe-Me, Me sinto, ver-Me, minha felicidade etc.*

Bem se vê que ahi não andou o dedo do gigante, ou o lapis enciclopedico.

A orthographia da regencia chega a ser rebelde.

Já era de estranhar, que não estando ainda investida da Magestade, ella se arrogasse aquellas proeminencias que a pragmatica bragantina só attribue ao soberano.

Mas cresceu de ponto o meu espanto quando vi que junto do *Me* da Princeza, acha-se o *se* de Suas Magestades com um *s* bem pequeno; assim como falla-se dos *incomodos* da Imperatriz, e da *viagem* do Imperador com o mesmo desrespeito e sem a letra grande do *Meu Consorcio*.

*Caveant consules!* Aqui anda conspiração.

Tambem escapou *Nação* com maiuscula.

Nada mais natural do que — a *Deus approuve abençoar o Meu consorcio.*

A Divindade e a Magestade, ainda mesmo futura, são iguaes perante a orthographia; ambas tem a prerogativa da letra grande.

Mas nivelar a Magestade com a Nação! Que lapso! Felizmente emendaram a mão, e escreverão *nossas instituições e nossa cara patria* com letra pequena.

..

A cerca do texto da falla do throno, ouvi um deputado commentar o trecho seguinte; « o nascimento do Principe do Grão-Pará, duplo penhor de minha felicidade domestica, e da estabilidade de nossas instituições. »

O anno passado Sua Alteza Imperial deu um baile em regosijo do nascimento do Principe do Grão-Pará; e não convidou os representantes da Nação, reservando esta distincção para a gente de sua côrte.

Deram como razão que era um baile particular.

A razão não prestava. Os principes e sobretudo os herdeiros do throno não tem outra vida particular, senão aquella intima e recondita da familia que todos, grandes e pequenos, vivemos a portas fechadas.

Mas embora a razão fosse má, era uma razão, e ninguem se deu ao trabalho de refutal-a. Não valia a pena.

Agora Sua Alteza, como regente, lembra-se de fallar aos Representantes da Nação *do penhor de sua felicidade domestica.*

Pois isso não é, como o baile, da vida particular?

..

Esta phrase — *estabilidade de nossas instituições* — já está muito gasta.

O imperador tem apenas cincoenta annos de idade, e ainda é felizmente um homem robusto. Sua filha e herdeira, a sra. D. Izabel, tem trinta e goza de perfeita saude. Da outra filha D. Leopoldina ficaram-lhe tres netos cuja intelligencia muito abonam.

Nestas condições o nascimento de mais um herdeiro, é porventura penhor da estabilidade das instituições?

Podia sê-lo quando muito da estabilidade da dynastia.

Mas a dynastia não é senão um accidente na marcha das instituições e a prova é que a nossa lei fundamental previo a sua extincção e estabeleceu o modo de substituil-a.

Par fallar nisso, o grande publicista de Nicterohy, que vê longe, já cogito: na possibilidade de ser chamado ao throno vacante o sr. Paulino de Souza, ou o sr. João Alfredo. Quanto ao sr. duque de Caxias elle o põe á margem porque não tem progenitura directa e está envelhecido (*Vide o Globo de 13, 3º dia do Carnaval*)

Ora quando ahi temos á mão a dynastia Paulino ou João Alfredo, e além destas as dynastias de todos os ministros, senadores e conselheiros de Estado, ainda se falla em penhor da estabilidade de nossas instituições!

O penhor de que nós carecemos é outro. E' que o chefe da actual dynastia tome ao serio a sua augusta missão; e occupe-se mais do paiz que lhe delegou a sua soberania.



Emquanto a monarchia fizer a felicidade do povo, ella será inabalavel; mas si ao contrario, o que não esperamos, ella nos conduzisse á bancarrota, á corrupção, á miseria; então não lhe valeriam nem dez gerações de herdeiros.

Com o carnaval appareceu a crise ministerial.

Foi um meio engenhoso de que serviu-se o *Figaro* para cantar a D. Basilio o *buena cera*.

A mascara admite certa franqueza e liberdade, que não é permittida a rosto descoberto. Porisso os cinco ministros de dominó preto rodearão o Sr. José Bento, e não se ouvia senão o classico — *eu te conheço*; mas cada um acrescentava: *deves saber!*

Consta que o Sr. José Bento quiz tomar a cousa como brincado de carnaval.

Entre os novos ministros indigitados falla-se no Sr. Gama Cerqueira, que se recommenda por sua gravidade taciturna e inteiriça.

Eu o acho excellente; e dou ao Sr. duque de Caxiás os parabens pela invenção deste estadista. « Pois de tal pai tal filho se esperava. »

Melhor do que o Sr. Gama Cerqueira o nobre duque só podia achar um ministro. E' o *gentleman* dos 600,000 paletots. Mande tiral-o da taboleta, vista-lhe a farda e verá que ministrão.

Ainda mais grave, mais sisudo, mais circumspecto do que o Sr. Gama Cerqueira, e menos pedante. Além disso accomodado; o Sr. de Cotegeipe pode continuar com duas pastas.

Quando esta chronica apparecer já a crise deve estar resolvida; e a minha observação não terá nem siquer o valor de uma bisnaga do carnaval.

O Sr. Dr. Ferreira de Menezes, o advogado, escrevendo sobre a questão dos *Saccos e trapos* na *Gazeta de Noticias* do dia 11 esmagou a policia com um argumento de arromba.

Tratava-se de saber si o Sr. Marques da Costa fazia ou não contrabando, despachando saccos por trapos.

— « Não; diz o advogado, o Sr. Marques da Costa não só não commetteu esse crime, mas não podia commete-lo. A razão é obvia; o Sr. Marques da Costa é PORTUGUEZ.

Em seguida uma tirada sobre a virtude dos portuguezes, gente de muito suor, de muitas agonias, de muitas saudades da patria; pelo que não costuma despender o accumulado e menos a honra; mas quando joga é com o seu etc., etc. etc.

Este trecho eloquentissimo não se resume; convem lê-lo e *medita-lo*. E' uma grande theoria da sciencia criminal, modestamente esboçada em um artigo de jornal.

Não ha mais necessidade de advogados; basta que o réo exhiba a sua certidão de baptismo, e prove que é filho desse *paiz pequeno nas dimensões, mas grande pelos filhos*.

Si o Sr. Marques da Costa fosse brasileiro, era differente; podia ter commetido o crime de contrabando, e todos os crimes do codigo.

Entretanto Portugal tem a exquisitez de possuir um codigo penal, tribunaes e cadeas, como os outros paizes. Mero luxo.

Certos horticultores hollandezes, enfastiados de verem as mais lindas especies de flores, tomarão-se da mania de inventar a tulipa preta.

O Sr. Dr. Ferreira de Menezes, que possui um bello talento, deu agora nessa faceirice. Não escreve sem tulipa preta; e as vezes é um ramalhete dellas.

O carnaval esteve pouco animado. Nada mais natural. Si elle dura todo o anno.

No ultimo dia houve muitas satyras; e uns *carros de ideas* puchados por burros. Essas ideas forão muito applaudidas.

A cerca do carnaval tenho cá a minha opinião; e vou dize-la com a certeza de desagradar a todos.

Eu não gosto do carnaval do Rio de Janeiro.

O carnaval é a quadra da loucura, da alegria, dos risos; é sobretudo a festa da mocidade e do praser.

O nosso carnaval fluminense parece antes um velho rabugento, ralhando de tudo, maldisendo de quanto vê, e tomando as vezes por calculo uns ares de palhaço com que faz rir as turbas.

Quem da primeira vez assistir a um carnaval nas ruas do Rio de Janeiro cuidará que o povo desta córte é um povo cachetico, sem mocidade, sem illusões, sem enthusiasmos.

Nem outra significação pôde ter a longa satyra politica e social que se desdobra na successão dos carros, e no acompanhamento dos mascarados.

O carnaval fluminense não é outra cousa senão as *revistas do anno* que representão os theatros dos *boulevards* em Paris; com a differença que a representação aqui é feita nas ruas e por curiosos.

O que attrahe no carnaval e o distingue da comedia ou da farça, é a espontaneidade, o improvisado do remoque. Um mascara é uma satyra viva, mas sem programma, sem papel decorado; seu thema são os individuos que encontra.

Esse espirito preparado de antemão, as vezes copiado de um jornal de caricaturas, e posto em preseppe sobre um carro; será o que quizerem, menos o espirito do carnaval, cujo chiste é o repente e a surpresa.

Ha ainda outra rasão pela qual eu não gosto do carnaval do Rio de Janeiro.

Este divertimento nunca teve, e não tem, um character popular; não é nacional.

A maior parte das sociedades carnavalescas são estrangeiras; e desde então a satyra dos nossos costumes e da nossa politica, ainda quando justa, punge os melindres nacionaes.

Todos temos os nossos ridiculos, homens ou povos; mas seja cada um moralista em sua casa, e não faz pouco.

Si a idéa desses jumentos carregados de *bananas, cocos e papagaios* fosse brasileira, era uma idéa infeliz porque ridicularisava seu paiz fazendo-se echo de escriptores de mau gosto. Si foi uma idéa estrangeira, faltou-lhe pelo menos a delicadeza.



Um dos *carros de idéa*, que desfilaram pelas ruas durante o carnaval trazia o seguinte presepe :

« Ganganelli sobre o qual resplandecia o sol da liberdade, guiava um carro tirado por inumeraveis cavallos. »

Foi satyra ou apotheose ?

Si foi satyra, quaes são esses inumeraveis cavallos dirigidos pelas redeas de Ganganelli, e que tiram o seu carro de triumpho !

Si foi apotheose, em vez de fazer Ganganelli cocheiro de carro, era melhor te-lo feito logo sol da liberdade, o que não é muito desde que os astros andam ahi pelas ruas aos pares.

\*  
\* \*

Dialogos em uma janella,

— Como se chama esta sociedade ?

— *Tenentes do Diabo*, minha senhora.

— E' mentira mamãe, o Diabo è que é o *tenente*; elles são os *capitães*.

— Quem te disse, Bily ?

— Eu sei.

— E' verdade, sr. Alves ?

— Deve ser, minha senhora. Desde Eva que as moças tem um dom especial para conhecer o *inimigo*.

Passam os carros.

— Estes estudantes de Heidelberg, sr. Alves, são da escola de medicina, ou da escola politechnica ?

— Creio que de ambas, minha senhora.

— Elle não sabe mamãe; são da universidade que fica entre a rua de S. José e a rua de S. Pedro, e que se chama a *universidade do commercio*,

\*  
\* \*

O celebre Vidock inventou outrora o adagio policial: *cherchez la femme*.

Eram outros tempos esses em que a mulher governava o mundo. Hoje em dia quem governa é El-rèi dinheiro.

Assim a regra policial mudou. Quando acontece algum caso importante o que se pôde dizer com certeza é o seguinte: *Ahi anda advogado*.

Um individuo assassina sua mãe. Tiradas as inquirições, sabe-se que o réo assistio a uma sessão do jury, na qual um advogado celebre com grande esforço de eloquencia theatral provou que os filhos devem matar suas mães para salvar a honra da familia, e mostrar que tambem em nosso paiz e neste seculo existem Orestes.

Um moço assassina seu collega. Averiguado o caso, elle procedeu na maior boa fé. Um illustre advogado o convencera de que ha no Brazil um juiz supremo, alto executor da justiça de Deus, o qual juiz chama-se *revolver*.

Um, ou muitos dos nossos irmãos de alem mar dedicam-se á industria lucrativa de capitalisar as economias do proximo. Alguns escrupulos que nu-

triam a principio dissiparam-se desde que um advogado provou-lhes que os portuguezes não podem commetter crimes. Assim como ha capotes *water-proof*, elles estão á prova do codigo.

Finalmente da-se a crise ministerial. Sahe o sr. José Bento. Grande discussão nas camaras. Interpellações; acareações: reinquirições. Não se decifra o enigma; nada se sabe.

Quem despedio o sr. José Bento? Foi o carnaval ou a quaresma? Foi a maçonaria ou a flor da gente? Foi a tribuna do Theatro de S. Pedro, ou o tribuno do methodo repentino?

Nada disto. A crise ministerial foi uma *questão de advocacia* como tudo mais; como os contractos do governo, e os escandalos que de vez emquando surgem á tona.

..

Encontrei hontem um antigo patriota, desses que ainda conservam a innocencia primitiva.

— Acho-o triste.

— Meu amigo, as cousas vão mal. Quando as crises ministeriaes nascem na *Praça do Mercado!*...

E o meu patriota abismou-se em uma reticencia.

— Não creia nisso. Tambem disseram que o 7 de março cahio por causa da questão bancaria. Historias!... Neste paiz as crises vem sempre de cima; simples mudança de vento na grimpá da torre.

..

O ministro da justiça, o sr.... (deixem-me ver no *Diario Official*).... o sr. Gama Cerqueira, dizem que é o pronome do substantivo Jaguary.

Si não é, parece. O illustre presidente do Senado, quando foi rabula da roça, devia ser o original desta copia de advogado de aldeia, que o sr. Caxias ajuntou ás raridades de seu ministerio

Na sessão de apresentação, o dito pronome do sr. Jaguary, levantou-se para explicar ao parlamento, não a sua entrada para o ministerio, isso é inexplicavel; mas a nomeação de juiz direito que na vespera recebera seu irmão.

Aqui damos uma pequena amostra da eloquencia do novo ministro:

« Não ....se.... te....ar....sa.... ma.... de....ções....pli....mui....  
....ctorias....que....ma....ca....vir etc.

As syllabas que ahí ficam notadas são os sustentidos da voz do orador; os pontinhos indicam os bemoes em que elle sorve palavras e phrases inteiras.

Entre os sustentidos e os bémões, ouve-se uma especie de cantochão que faz — *zum, zum, zum, zum*. O sr. Jaguary que é orador da mesma eschola tem o cantochão mais grosso: o seu é *rom, rom, rom, rom*.

O que os dois eximios oradores mettem nesse canto-chão, ninguem sabe, nem elles proprios. Mas no dia seguinte apparece decifrado no jornal.

O sr. Gama Cerqueira e o sr. Jaguary são o *alpha* e o *omega* do abecedario grego do sr. D. Pedro II. Elles ensinam aos neophitos como de rabula se chega a visconde e grande do imperio.



Leu-se no senado o parecer da comissão de poderes acerca da eleição de Pernambuco.

O sr. de Nicterohy que o lavrou anda muito preocupado; logo se vê. Aquelle parecer nem ao menos guardou a decencia. E' uma peça que hade servir em tempo util para o summario da camara vitalicia.

O sr. de Nicterohy teria sido mais conciso e mais logico si resumisse aquelle indigesto relatorio no seguinte argumento.

« Considerando que ainda sem o terço, o sr. João Alfredo com o Presidente Clementino teriam feito a mesma lista triplice, como prova a eleição de deputados na qual sem o terço bateu-se a chapa dos treze, além de dois que ficaram á bica :

« E' de parecer a comissão que essa questão de lei é uma futilidade sem valor pratico, etc., etc.

Eu comprehendendo que o sr. de Nicterohy tenha neste momento um soberano desprezo por certas minucias da lei.

Bem se vê que a Regente ainda está noviça na arte de governar.

O seu augusto Pai teria arranjado a recomposição ministerial, e a demissão do sr. José Bento sem barulho, nem matizada, suave e naturalmente.

O sr. José Bento sahiria maciamente, allegando molestia ou cansaço ; e não se correria o reposteiro imperial.

O talento não se transmite pelo telegrapho, como as ordens.

Tudo quanto fez a regencia foi depois de ter despedido o sr. José Bento chamal-o para despachar ainda uma vez, a ultima, como consolação.

Em agradecimento, o sr. José Bento teve a honra *de beijar as mãos de Sua Alteza*.

E eu que suppunha abolido o beija-mão; mas vejo que está restaurado e agora é *beija-mãos* no plural.

Está me parecendo que esta Regencia é mais imperial do que o proprio Imperador.

O velho *Jarnal do Commercio* de vez em quando tem as suas verduras.

Ha dias lembrou-se de traduzir do *Memorial Diplomatico* a anedocta de um passeio imperial no Cairo.

Como a imprensa occupou-se muito da outra vez com o paletot e mala imperial, a grande folha entendeu que devia apresentar o illustre soberano de jaqueta, má traducção de *jaquette*, e de *badine*, que não traduziu, talvez em reverencia ao augusto viajante.

Realmente um sabio de chibatinha!

Pela anedocta ficamos certos de que a plebe do Cairo não sabe o turco ou o egypcio. pois fallando Sua Magestade todas as linguas não pode fazer-se comprehender dos almoceves de jumentos.

..

O sr. duque de Caxias já está um presidente do conselho neutro e irresponsavel.

As explicações da recomposição ministerial forão escriptas na conferencia. O nobre duque as leu no senado, como a Princeza leu a falla do throno.

O illustre marechal preside; mas não governa, nem administra.

Como é que a espada mais gloriosa do Brazil está reduzida a uma bengala do Sr. Cotegipe?

São artes do Grande Magico.

..

O equilibrio ministerial, segundo o sr. de Cotegipe, é tres senadores n'uma concha da balança, e quatro deputados na outra.

Isto porém não passa de uma pulha, que arranjarão para descartarem-se do Sr. José Bento.

O ministerio viveu anno e meio com tres senadores e tres deputados, sendo um dos deputados o sr. Dioguinho, que pezará uns 20 kilos. E' verdade que o outro era o maciço sr. Coelho de Almeida. (200 kilos).

Ora passando os 20 kilos do sr. Dioguinho para a concha do senado, a balança ainda penderia para a camara, graças ao vasto abdomen da agricultura, quando mesmo o novo ministro fosse do tope do sr. Coelho Rodrigues. (16 kilos).

Entrando porém um deputado do tope do sr. Gama Cerqueira, (100 kilos) serião precisos cinco senadores para manter o equilibrio parlamentar.

Esta é a verdade; mas os pesos do governo não forão aferidos pelo povo; de modo que nesse armazem de *seccos e molhados* vendem-nos 50 grammas de ministro mascavo por uma libra de ministro refinado.

..

O *Globo* ainda não acabou de publicar as continuações do *Guarany*. A cousa vae tomando proporções de *Rocambole*.

Não sabemos que o *Guarany* tivesse outra continuação a não ser as *Minas de Prata*.

Essas continuações que O *Globo* publica são de um livro intitulado *Les Guaranis* de Gustavo Aymard.

Que zelo temos nós pelas cousas patrias! Como o titulo de um livro brasileiro tornou-se, não popular, que é phenomeno desconhecido nesta latitude, mas um tanto repetido; vamos confundil-o com o de uma mediocre obra estrangeira até tornal-o bem safado,



Continuão as offerlas de livros do sr. Abilio.

Esses jornaes que tão benevolmente se prestão a annunciar taes actos de philantropia, redigidos pelo proprio, farião melhor si inserissem por uma vez esta declaração :

« O nosso illustre educandista Dr. Abilio Cezar Borges offertará generosamente cada semana, um certo numero de exemplares de seus compendios, ás escolas das provincias ou das parochias do Brazil. No fim de cada anno daremos a estatística das *offerlas generosas*; e os pomposos elogios do costume. »

Assim pouparão aos seus leitores essa commoção hebdomadaria, que nos causa a commemoração da philantropia do sr. Abilio.

Em tempo de calor, são nocivas as commoções.

Depois do carnaval tivemos a recomposição ministerial; e depois desta a *Toirada*, no seguinte domingo.

Isto não é epigramma; é a historia; e eu não tenho culpa da sua malicia. No dito domingo dois Zes-Pereiras encontrarão-se na entrada do circo.

— Estiveste lá na sexta-feira? Que tal?

— Não prestou. Havia um bonito mineiro, porém manso; de modo que não deu sortes. Os espadas ainda lhe deitarão uns ferros, mas o bicho não investiu. E isto por cá como vae?

— Ora! Tivemos uns seis ministros novos que chegarão do Rio da Prata; mas os oradores da opposição estiverão muito fracos nas interpellações.

Eu não entendi patavina. O que sei, por me dizerem os entendidos, é que as corridas não prestarão.

Não houve nenhum buxo furado, nenhum cavallo estripado, nenhum boi em postas! Que insipidez!

# O PROTESTO



## SOLUS, TOTUS ET UNUS

Ha nos governos representativos um poder estranho ao systema, e que perturba o equilibrio constituicional.

Deram-lhe o nome de *poder pessoal*, porque elle resulta da intervenção individual da coroa nos negocios.

Em nosso paiz melhor lhe cabe a designação de *poder real*, pois no meio da completa annullação de todas as forças nacionaes, elle impera sem estorvo e sem competencias.

*Solus*, porque não ha outro alem delle; *totus*, porque contem em si a soberania; *unus*, porque reside no mesmo homem.

Mas alem disso é perpetuo, illimitado e irresponsavel. Não conhece sancção, nem resistencia. Sua lei é o proprio capricho, sua consciencia, como a do papa, a infalibilidade.

Fomos dos que se empenharam na crusada contra esse poder, e dos que nella perseverám. Mas desses esforços o que se tem obtido?

Nada, senão uma ou outra vez fazer dos meros e passivos secretarios de estado, os ministros constituicionaes de alguns escandalos revoltantes.

A iniciativa do referendario no arranjo proprio ou da familia desmente publicamente o poder pessoal, que nessas occaziões ri-se por detraz do repositiro.

Tal é o estado deste misero paiz, que não já nos cançaremos com o esforço vão e futil de combater o poder pessoal.

Reconhecemos a sua fatalidade; e até nos julgariamos felizes, no meio do geral abatimento, si elle se dignasse poupar-nos, senão todos, uma parte dos males que permite.

Exista o poder pessoal, já que o destino o impõe. Seja só e unico; mas seja austero ao menos.

Não tolere que se delapide o thesouro e com uma ostentação acintosa; não cerque-se de homens que affrontam por luxo a moral e a decencia publica;



não entregue aos mercadores políticos, empreiteiros e directores subvencionados de companhias e bancos, os destinos de uma nação.

Seja embora um despotismo; mas não pareça a gerencia de uma commandita. Prive-nos da liberdade; sequestre a nossa civilização em beneficio de sua gloria; mas em compensação discipline este povo com uma tyrannia severa e escrupulosa para que no dia de sua emancipação elle se encontre ainda um povo e não uma chusma.

O sr. D. Pedro 2º é um homem de bem. Porque o poder pessoal não hade tomar o seu exemplo?

## A REGENCIA

*Ex fructibus eorum...*

Em tempo algum de nossa breve historia politica, o sentimento monarchico do povo brasileiro foi mais rudemente abalado, do que nesta epocha ominosa.

Nem mesmo nos dias criticos da abdicação, quando o fundador do imperio reconhecendo-se incompativel para o throno brasileiro, deixava nelle uma creança incapaz de reger os destinos da nação, e no difficil periodo de sua organização.

Nestes ultimos annos o Imperador talvez pelo tedio de um longo reinado, tem com suas viagens mostrado pelo exercicio da realeza uma indifferença e desdem, que impressionam profundamente o povo brasileiro.

Depois de haver concentrado em si todo o poder, de ter absorvido as forças vivas da nação; quando se devia esperar que applicasse essa omnipotência á prosperidade de seu paiz; parte o nosso augusto soberano a correr mundo, e gasta mais de anno em curiosidades historicas.

Assume a regencia, a princeza imperial; e nós os monarchistas sinceros acreditamos que o seu governo reanimaria os enthusiasmos já tão apagados, que inspiravam outr'ora as instituições fundadas por nossos pais.

Bem longe disso.

A regencia da herdeira do throno, em vez de uma restauração, foi um desgano. Frustrou-se a legitima esperança que se podia ter em um novo reinado para a consolidação da monarchia representativa.

Os annaes brasileiros não apresentam uma pagina mais triste, mais humilhante, mais nefasta do que a deste ultimo anno. Ahí estão bem vivos todos os symptomas que assignalam as vesperras das revoluções.

A corrupção em seu auge; o escarneo respondendo aos justos reclamos da opinião; o pavor armado; por ultimo a bancarota e com ella a miseria publica.

Tal é a obra do gabinete Caxias sustentado pela regencia.

Todos os defeitos do governo do Imperador, como sejam, a predilecção pelas mediocridades; a dubiedade da politica; a suspeita contra os melhores caracteres; a miudeza dos detalhes; todos a regeneia os herdou.

O que parece não ter herdado são as qualidades que ornaram o sr. D. Pedro II, e que, si com os annos e o attrito do governo se tem puido, brilhavam com vivo esplendor em sua mocidade.

Quem não se recorda dos factos contados ha cerca de vinte annos, e que davam testemunho dos severos escrupulos do jovem soberano na escolha dos homens para os altos cargos publicos ?

Quantos desses arranjos secretos, com que se a geitam maiorias e se abrandam opposições não desfizeram pela repugnancia que tinha o monarcha á semelhantes meios de governo.

Ainda hoje, estamos convencidos que presente o sr. D. Pedro II, a sorte deste imperio não seria abandonada aos gracejos do sr. Cotegipe, cuja vida não tem sido mais do que uma continua pilheria.

Infelizmente é o partido conservador e o paiz quem faz os gastos da farça.

Queremos crer que a regencia acha-se coacta ; que o respeito filial sopita os generosos impulsos da mocidade ; pois seria triste que o reinado de uma princeza joven e intelligente fosse mais decrepito do que o de um soberano já no declinio, e envelhecido por 37 annos de realza.

Si com effeito a augusta princeza não governa com suas proprias inspiraões, reflecta ella seriamente nos riscos de uma regencia apparente que está compromettendo o futuro das instituições.

Ella é filha, mas tambem é mãe. As prerogativas imperiaes, que pertencem a seu augusto pai, ella as exerce não por delegação d'elle, que não tem esse direito, mas pela vontade nacional.

Lembre-se que esse throno hade caber um dia a seu filho ; e é preciso não transformar o diadema imperial que lhe deve cingir a fronte em coroa de espinhos.

Acima do respeito filial, está o respeito á nação brazileira de quem é representante a augusta princeza, como regente do imperio.

A nação brazileira exige que a regente exerça livremente as suas attribuições constitucionaes ; e não quer ser governada por uma vontade que não tem hoje, e nem terá emquanto fora do paiz, o direito de intervir nos negocios do estado.

Esse despotismo de telegramma é de todos o s despotismos o mais degradante para um povo livre.

O Brazil não é propriedade de alguém. Como nação livre elle tem alguns milhões de reis ; o mais elevado destes é justamente o seu primeiro subdito.

---

## O SENADO

Um corpo essencialmente conservador, como é a camara vitalicia, só póde manter-se em um paiz democratico pelo escrupuloso respeito á lei.

No systema parlamentar, no governo da opinião, o Senado representa o principio de resistencia á vontade da maioria ; é a prudencia, que aconselha a reflectir antes das resoluções graves.

Como terá o Senado essa força ingente de esbarrar as impetuosidades do espirito publico, se elle não revestir-se do prestigio da moralidade e da justiça ?



Uma camara vitalicia que se desacredita pelo capricho de suas decisões, que não zela com o maior escrupulo os seus fóros de imparcialidade; que é a primeira a calcar as leis feitas com o seu concurso; essa camara deixa de ser uma resistencia constitucional, e não passa de um mero obstaculo material, que a democracia abate ao primeiro choque.

O Senado brasileiro collocou-se infelizmente nessa posição precaria; e nós, os conservadores sinceros, lamentamos a annullação de uma das mais importantes garantias do systema representativo.

A assembléa geral votou uma lei consagrando o principio da lista incompleta para todo o eleitorado. O governo no seu regulamento falsificou a lei, mandando votar no eleitorado especial por lista completa.

Esta é a verdade que a argucia partidaria de uns velhos sophistas e de seus aproveitados discipulos longe de illudir ou escurecer, pôz em maior evidencia.

O Senado calcando aos pés a lei promulgada com o seu voto, approvou eleições virtualmente nullas, movido por considerações pessoaes, e obedecendo a um capricho do governo, ou ás impaciencias dos candidatos.

O ramo temporario da legislatura, o immediato depositario da vontade nacional, o mais legitimo representante da democracia, foi desconsiderado por esse procedimento que não parece dos anciãos da patria, mas dos adolescentes do governo, chamados principes da mocidade.

Existe pois actualmente no Brazil uma lei promulgada pelos tramites constitucionaes, mas derogada por um simples regulamento do governo com sancção do Senado.

Esta anomalia, triste esboço da nossa decadencia constitucional, ahi fica, sob o nome e a responsabilidade do partido conservador. Um dia, talvez não muito remoto, ella se transformará em arma para combater as instituições.

Não se trata de uma questão de facto, nem da approvação de um diploma illegitimo. A decisão do Senado tem outro e gravissimo alcance.

Nada menos de cinco senadores, manifestamente nullos, vão tomar assento na camara vitalicia, e influir directamente nas votações. Apoz elles virão outros tambem eleitos com exclusão do terço nas listas primarias; e em poucos annos qualquer cidadão brasileiro de razão clara e espirito recto terá o direito de dizer aos quarenta e oito principes reunidos na antiga casa do Conde dos Arcos:

« Já não sois o senado brasileiro; mas um aggregado de usurpadores, eleitos contra a disposição expressa da lei. O senador brasileiro é um representante da nação; mas vós não representaes aqui senão um regulamento do governo e uma carta imperial. Em nome da constituição portanto eu não vos reconheço. »

O cidadão pacifico fallará esta linguagem; os mais ardentes talvez intinem o mandado de despejo pelo mesmo teor de que usou o velho fidalgo portuguez contra um dos Lobatos, a quem o rei mandou aposentar naquella casa.

Eis a situação creada por uma maioria de senadores, da qual fazem parte os chefes do partido conservador. O dilemma é inevitavel; para sahir desse impasse, não ha senão um dos dois meios: o despotismo ou a revolução.

Á sobrançeria com que foi tratada a questão constitucional, additem-se os tristissimos episodios da approvação do diploma que o ministerio mandou fabricar para um de seus membros.

A retractação solemne do parecer dado no Conselho de Estado pelo proprio iniciador da reforma, o seu chamado á ultima hora para salvar um capricho ministerial; a pressão exercida sobre senadores para arrancar-lhes o voto ou ao menos a abstenção; todos estes manejos correm a cidade e são commentados da

maneira a mais dolorosa para o partido conservador, sacrificado assim a ambições vulgares.

No meio de tudo isto porém o que domina é o desaso.

Si a situação conservadora tem de manter-se por algum tempo ainda, todos esses candidatõs voltariam legalmente eleitos; e a maioria do Senado houvera dado tão brilhante exemplo de probidade politica e de justiça, que seria esse talvez o melhor titulo para a permanencia do seu partido no governo.

Si está tão proximo o dominio liberal, que recebeu-se pelas novas eleições, neste caso o que a maioria alcançou com a admissão de quatro senadores, foi a sua completa annullação; porque o governo a quem ella fizer opposição não lhe prestará, e com justiça, a minima consideração.

Com que direito fallará de lei, a maioria que acabou de rasgar a lei e a constituição? Que titulo tem ao respeito do governo, senadores que reconheceram no governo o direito de derogar a vontade nacional expressa pelos meios regulares? Que resistencia pôde oppôr á camara temporaria, um Senado que lhe deu o exemplo revolucionario de fazer senadores pelo seu voto exclusivo?

Assim, pela ambição de quatro homens de merecimento, mas que não são chefes do partido, nem mesmo summidades, sacrifica-se o presente e o futuro; desacredita-se ainda mais uma situação, e aniquilam-se até os nossos meios de opposição.

Quando chegar a adversidade teremos tudo a reconstruir; a unidade, a disciplina, a imprensa, a resistencia parlamentar, e até os chefes.

Quantos lustros serão precisos para essa obra de esforço e perseverança?

Os immortaes, que se nutrem da ambrosia imperial, não se preoccupam dessas nugas terrestres.

---

## EXHOMEM

### LIVRO I — O DESCONHECIDO

#### VI

No dia seguinte, á mesma hora matinal, Gabriella sahiu a cavallo com o irmão.

Depois de algumas voltas ella dirigiu o passeio, como na vespera, para o sitio frequentado pelo desconhecido; e foi com viva emoção que aproximou-se do tronco do jethy, onde esperava encontrar o mancebo.

Elle ahi estava; despertado, pelo tropel dos animaes, ergueu a cabeça, e fitou o seu olhar placido na moça que sentiu-se outra



vez banhada de um raio celeste, e ficou durante todo aquelledia como engolphada nessa onda luminosa.

Este passeio repetiu-se por alguns dias. Gabriella passados os primeiros deslumbramentos, pôde fixar a vista no semblante do mancebo sem o enleio anterior.

Foi então o desconhecido que perturbou-se. O olhar sempre limpido e sereno offuscou-se; corando de leve, o mancebo recolheu a vista, e cravou-a com insistencia no livro d'onde não a retirou mais.

Na manhã seguinte quando a moça passou, elle estava na posição habitual, e lia tão absorto, que nem o tropel dos cavallos, nem as fallas dos dois irmãos, o distrahiram.

Gabriella despeitada com essa preocupação, aproximou o cavallo do jetahy. Então o desconhecido levantou-se, e cortejando-a de leve com o chapéo retirou-se na direcção da Cachoeira.

Ao passar no outro dia, Gabriella não encontrou mais o desconhecido, que desde então desapareceu do seu sitio predilecto.

A moça arrependeu-se de sua insistencia, que afugentara o solitario pensador; mas tornou a passar na esperanza de vêr ainda uma vez o homem, a quem sentia que estava para sempre ligado seu destino.

Um dia ella percebeu, que o desconhecido a observava por entre a folhagem de uma espessura, onde se occultara, e disfarçou para não affasta-lo de novo. Quando chegou á casa, e lembrou-se desta circumstancia teve um jubilo indefinivel.

Desde o principio que a moça lembrou-se de interrogar as pessoas da fazenda acerca do desconhecido; mas não se animava. Parecia-lhe que á sua primeira pergunta lhe escaparia o segredo.

A *Cachoeira* pertencia á um antigo tropeiro, que andava sempre acima e abaixo na continua lida. Depois que enviudara, a casa ficou entregue a um negro que passava por idiota. O dono poucas vezes ali ia, e não se demorava. Além dos habitos de sua existencia andeja, desgostara-se do lugar onde morrera a sua velha companheira.

Uma tarde percebeu Gabriella que o administrador da fazenda fallava com o P<sup>e</sup> Moura acerca do desconhecido e prestou attenção, na esperanza de colher alguma cousa.

— Estes dias atraz appareceu um morador em casa do Bueno; na Cachoeira; disse o administrador.

— Hade ser algum parente.

— Não se sabe. O moço parece que veio da côrte; mas é desconfiado; não gosta que se mettam com a sua vida. Ainda hontem o Nobrega, que é abelhudo, andou por lá rondando; mas não tirou conversa.

— Talvez seja algum doente que veio para ahí tomar ares.

— Eu estou que é; pelo geito não pôde ser outra cousa.

Gabriella tambem achou provavel a supposição do P<sup>o</sup> Moura : e essa idéa de amar um enfermo bem longe de traser-lhe um desencanto, veio ennobrecer a sua afeição pelo sacrificio. Seu coração generoso tinha agora mais uma rasão para consagrar-se áquelle homem ; elle soffria.

Para a mulher que ama como ella, não podia haver maior jubilo do que esse de partilhar os soffrimentos do ente querido ; e fazer assim da dôr uma santa e ineffavel communhão.

Então a moça comprehendeu a esquivança do desconhecido. Elle sentira o mesmo irresistivel impulso que ella ; mas retrahia-se para não surprender-lhe o coração e inspirar um amor infeliz.

Nessa mesma tarde, quando Gabriella ainda se embalava nestas scismas, chegou á casa da *Soledade* um rapazinho com uma triste nova.

A velha Angelica, tivera um ataque, na vespera a noite, e estava a expirar. O marido, o Ignacio Pina, mandara pedir soccorro a D. Margarida, e chamar o padre Moura para confessar a sua companheira.

Angelica era uma liberta, a quem a senhora forrara havia alguns annos em recompensa de seus bons serviços. Passava por uma das mais antigas escravas da fazenda ; e apezar de trabalhar na roça dera de mamar a D. Margarida e seus filhos, não como ama effectiva, mas uma ou outra vez.

Era essa uma honra que antigamente as escravas muito cubicavam, e que as senhoras costumavam dispensar ás mais socegadas e bem procedidas. Estas, assim consideradas, tinham um ingenuo orgulho em dizer mais tarde dos senhores : « mamou o meu leite ».

D. Margarida despachou immediatamente as parceiras da Angelica para levarem-lhe os soccorros precisos ; e preparou-se para seguir ella mesma em sua litteira acompanhada pelo padre Moura.

Gabriella, com o carinho que as meninas brasileiras sempre tiveram pelas amas e crias de casa, obteve da mãi licença para acompanha-la ; mas impaciente com a marcha vagarosa da litteira, poz o cavallo a gallope e foi a primeira a chegar.

Apeando-se rapida, encaminhou-se para a palhoça. A porta estava cerrada ; pela fresta que deixava, a moça vio a triste scena que nesse instante apresentava o interior do pobre alvergue.

No fundo, sobre um catre de madeira tosca, jazia o corpo da velha Angelica, de costas, e já inteiriçado pela rigidez cadaverica. Um pedaço de véla de cera espetado em uma estaca servia de cirio mortuario, e derramava frouxo clarão pelo escuro aposento.



À cabeceira do leito, estava um padre reclinado sobre o corpo da velha, cujos dedos crispados ainda conservavam presa a mão do sacerdote, que ella estringira na ultima convulsão. O ministro da religião resava; e o susurro de suas orações confundia-se com o crepitar do rustico brandão.

Gabriella, á primeira impressão deste quadro lugubre, recuou transida de santo pavor. Tremula, sustendo-se a custo, arrimou-se ao umbral da porta, eolveu um olhar afflicto para o caminho, ansiosa de que chegasse a mãe.

Momentos depois, ouvindo o torpel dos cavallo, a moça mais animosa, empurrou a porta, e ajoelhou-se perto. A luz do dia, que entrava até ahi, era como um raio de vida, que a separava desse quadro da morte.

O sacerdote acabara de rezar. Desprendendo a dextra dos dedos hirtos da velha, crusou-lhe as mãos sobre o peito; fechou-lhe os olhos, e cobriu-lhe o rosto com o seu lenço.

Nesse momento chegava a liteira. O padre voltou-se então advertido pelo rumor. Seus olhos dirigindo-se á porta encontraram Gabriella ajoelhada, que observava-lhe os movimentos com um respeitoso terror.

A moça ergueu-se espavorida. Quiz fugir; mas soltou um gemido profundo, e cahiu desmaiada. Acabava de reconhecer no sacerdote, o solitario, o homem a quem ella amava.

## VII.

O padre suspendeu a moça nos braços, como faria com uma criança; e levou-a para o terreiro. D. Margarida que apeava-se nesse instante correu para a filha na maior afflicção.

A' voz de sua mãe, a moça abriu os olhos; e vendo perto della o sacerdote, fez um gesto de horror, escondendo o rosto no seio de D. Margarida.

O padre curvou a cabeça com expressão evangelica, e affastou-se da cabana.

Pela madrugada partiu elle da Cachoeira a cavallo; ninguem soube então para onde fôra; assim como ninguem soubera d'onde tinha vindo um mez antes, quando apparecera inesperadamente em casa do Bueno.

D. Margarida, como o padre Moura e as outras pessoas, attribuiram o desmaio de Gabriella, ao abalo que soffrera encontrando já morta a Angelica, e assistindo áquella scena tão lugubre.

Prohibiu pois a fazendeira que se fizesse a menor allusão ao acontecimento.

*(Continúa)*

## BEOTICES

Parabens á patria ;

Está emfim no senado o illustre estadista Diogo Velho.

Como elle entrou é que ninguem sabe. Correm versões.

Uns affirmão que o Visconde do Rio Branco, chamado a toda á pressa, metteu a sua coherencia e o ministro dos estrangeiros em um cartucho feito da consulta do Conselho de Estado; e levou-o ao Duque de Caxias como confeitos.

Outros pretendem que o snr. Caxias não descobrindo meio de introduzir no senado o colleguinha, encaixou-o no bolso da farda do snr. Barão da Laguna, enquanto este distincto almirante negava o seu voto ao Cotegipe.

Ha tambem quem diga que o ministro de estrangeiros entrou disfarçado na figura do Barão de Pirapama, e collocando-se por detraz do snr. Figueira de Mello, votou em si mesmo.

O caso é que por aqui, ou por ali, o snr. Diogo Velho bateu *vinte um* e tirou o bolo.

Para o snr. Cotegipe que é jogador, e gosta de filar a carta, estas emoções tem seu pico. O nosso duque porem ficou estrompado; elle prefere dez *Itororós* a uma só dessas escaramuças parlamentares.

\* \*

Depois do grande alvoroço causado pelo entremez senatorial, o nobre barão de Cotegipe foi á saleta e fumou um cigarro.

Não consta si o cigarro era de palha ou de papel. O Instituto Historico trata de investigar.

Dessa fumadella do nobre barão alguns homens praticos tirarão prognosticos acerca das consequencias do acontecimento, e imaginarão cousas do arco da velha, como renuncia da cadeira, retiradas do ministerio, sahida do intruso, etc.

Elles tem razão. Emquanto viaja, o augusto lapis entregou-nos ao cigarro do sr. Cotegipe.

Mas nessa occasião o espirito do nobre barão andava muito longê da politica e pensava n'algum vatapá para que o convidara um dos seus innumerados compadres.

\* \*

A discussão da eleição do Rio Grande do Norte tem episodios mui interessantes.

O sr. Teixeira, que apesar de senador, ainda é *junior*, querendo provar a egitimidade da candidatura do sr. Diogo Velho, leu uma carta do desembargador Brito Guerra.



Nesta carta o dito desembargador declara que o sr. Diogo Velho podia legitimamente apresentar-se candidato pelo Rio Grande do Norte, visto *ser filho do sertão*; naturalmente porque a provincia do sr. Guerra não tem litoral.

Que o desembargador escrevesse esta *sertanice*, vá; mas que o senador a lesse na camara vitalicia, só por epigramma.

Fica pois o sr. Diogo velho conhecido como *senador do sertão*, apesar das malignidades do sr. Jaguaribe que andou fallando em Cupidos.

\* \*

O sr. Candido Mendes combatendo a eleição não ficou atraz: provou com valentes argumentos que a provincia que produziu Potiguassú não podia eleger Diogo merim.

Ha apenas uma pequena objecção; Camarão é filho do Ceará!

O snr. Candido Mendes, adoptando a pirraça historica do snr. Warnhagen, pretende haver provado que Camarão é filho do Rio Grande do Norte.

Com os mesmos argumentos de que elle servio-se, eu proponho-me a provar que o snr. Candido Mendes é filho de *Candia*, e não do Turyassú.

Um destes dias, quando estiver de pachorra, darei umas amostras das curiosidades historicas e geographicas do illustrado senador.

Não é de hoje que elle revela contra o Ceará esse teiró maranhense, de que felizmente se isentão os verdadeiros patriotas nascidos na terra de Gonsalves Dias.

\* \*

A cadeira de senador do Rio Grande do Norte, segundo o sr. Candido Mendes, foi um *Kohi-noor*, que fascinou o sr. Diogo Velho.

O senado ficou sabendo que *Kohi-noor* significa montanha de luz; e era um diamante do Pendjab de que os inglezes se apossarão. Que erudicção!...

A vista disto admira que fosse approvada a eleição do sr. Diogo Velho.

Eu é que não me admiro que o sr. Candido Mendes saiba tanta cousa. Elle é senador, e possui tambem a sua montanha de luz, com que cega a gente.

\* \*

O sr. conselheiro Paulino de Souza, recusou uma senatoria ainda muito verde, a que não tinha direito e sobre a qual já um ministro deitara o olho.

O sr. Candido Mendes o compara a Cicero, Attico e Scævola. Eu acho pouco. Aquelles romanos nunca praticarão um heroísmo desta marca. Regeitar um *Kohi-noor* offerecido por um anónimo!

Que rasgo sublime!

Quando Cicero for chamado ao consulado elle se lembrará do senador Cassio.

\* \*

Catilina, protegido por Cezar, foi o chefe de uma conspiração que pôz em risco a poderosa republica de Roma.

Cicero empregou contra ella toda a força de sua eloquencia nas famosas orações que tanto admiramos. Petreius deu-lhe batalha a frente de um exercito, que ficou reduzido á metade. Todos os soldados do conspirador foram mortos, sem excepção de um; e seus cadáveres cahirão com a cabeça para o inimigo, feridos pela frente.

Sobre essa pilha de corpos, expirou Catilina, trespassado de golpes, o ultimo dos seus.

O Sr. Candido Mendes chamou a esse Catilina um *ambicioso vulgar*.

Não nos dirá o Sr. senador o que entende por *vulgar*? E' preciso, para sabermos como se hão de qualificar as suas ambições.

\* \*

Apresentar-se um ministro candidato á senatoria por sua provincia, a qual elle tem representado e representa como deputado; não é para o Sr. Candido Mendes um *acto honesto*.

*Honestissimo* é apresentar-se um individuo na camara dos deputados com um diploma de phantasia e outras cousas mais.

O Snr. Candido Mendes tem rasão.

Sua Magestade mandou passar-lhe carta imperial de todas as virtudes e de todos os talentos: e quanto ao ex-ministro ordenou aos seus senadores que sobre elle exercessem impunemente a sua malidencia.

O que elles cumprem, *ad majorem regis gloriam*.

\* \*

Este discurso do Snr. Candido Mendes é um curso de direito constitucional, digno do publicista que descobriu na carta de 25 de Março a monarchia do direito divino, corollario necessario do art. 5.º.

O illustre orador entende que o senado tem o direito na verificação de poderes de annullar a lista triplíce nos casos seguintes: —

- 1.º Si um dos candidatos é ministro, revogado o art. 30 da constituição.
- 2.º Si um dos candidatos não é bom catholico e devoto de Nossa Senhora de Lourdes.
- 3.º Si um dos candidatos fôr suspeito de republicano.
- 4.º Si os candidatos não tiverem igual merecimento, porque nesse caso dá-se a immoralidade das *cunhas*.

E este publicista é senador do Imperio!

Na lista sextupla em que veio semelhante portento havia apenas um candidato, tudo o mais era cunha. O senado approvou pois uma lista nulla.

Uma daquellas cunhas chamava-se *Mariani*, illustração da magistratura brasileira e typo de probidade. O Snr. D. Pedro 2.º o regeitou quatro vezes, porque não era palaciano, nem pertencia ao Instituto Historico e Geographico.



Ninguém hoje se lembra disto; a historia porém guarda o facto e elle hade apparecer quando se apurar a pretendida *longanimidade* de Augusto.

Seneca não chamava clemencia a *lassam credulitatem*. Eu tambem não chamo longanimidade á  *vaidade applicada*.

Deixemos porém estas frioleiras que não valem as preciosidades do discurso do Snr. Candido Mendes; e deixemos tambem o discurso que é muito sublime, e pôde perturbar-nos o espirito.

\*  
\*  
\*

O Sr. Jaguaribe revelou no senado um segredo de estado. O illustre senador descobrio que *mil razões* rasões para não ser escolhido o ex-ministro da justiça do gabinete de 16 de Julho.

A primeira dessas rasões era a necessidade de ser escolhido o Snr. Jaguaribe; as outras 999 estão prejudicadas.

\*  
\*  
\*

O Snr. F. Octaviano, declarou que a não escolha do Snr. Alencar tinha firmado o principio da abstenção dos ministros em candidaturas senatorias.

O Snr. Junqueira era ministro quando apresentou-se candidato, quando foi escolhido, e quando tomou assento. Ninguém no senado tugio acerca do famoso principio.

O Snr. F. Octaviano não deve pôr a sua bella e esplendida intelligencia ao serviço de taes argumentos. S. Ex. sabe que o principio pelo qual não foi escolhido o seu amigo de infancia é outro; é o que hade servir de epigraphe a este reinado:

*Placè ut placeam.*

\*  
\*  
\*

O Snr. Zacharias taxou de temeridade o acto de apresentar-se candidato á senatoria o Snr. Alencar.

Concordo. Foi não só temeridade, como até insolencia desse senhor, ter a pretensão de ser senador em nosso paiz.

Que ia elle fazer no senado? Romances desenchabidos, que são a unica bagagem desse borrador de papel?

Bastão já as miscellaneas do Snr. Candido Mendes.

\*  
\*  
\*

Em compensação, a nossa historia apresenta exemplos de timidez e melindre que nos consolam.

Um presidente de Sergipe, infringindo as instrucções do governo de que era delegado, apresentou-se candidato pela provincia que administrava e elegeu-se a si.

Um ex-presidente do Paraná apresentou-se candidato pela provincia que acabava de administrar, e alcançou a approvação de seu diploma antes de chegarem as actas, que provavam a nullidade da eleição.

Não se póde dizer que esse candidato fosse apressado, nem temerario. O Snr. Zacharias o conhece bem; ainda hoje elle mostra em suas palavras e maneiras uma timidez e modestia de sensitiva.

..

O Snr. Antão já era candidato a senatoria por Minas, quando sahio do ministerio de 16 de Julho por causa de um acto um tanto aspero do Snr. Visconde de Itaborahy. O Snr. Cotegipe agastou-se, mas albardou.

Mez e meio depois sahindo o seu ex-collega ministro da justiça, deu pela imprensa as causas de sua retirada. O Snr. Antão imitou-o e disse que sahira do ministerio para apresentar-se candidato á senatoria.

Ninguem acreditou na ballela.

Agora no senado o Snr. Antão é apresentado como modelo á futuros ministros, por ter deixado a pasta para apresentar-se candidato á senatoria.

Quem quizer aprender a historia do Brazil deve ir ao senado.

..

O ministerio querendo resolver acerca da compra de um predio para o internato do collegio de Pedro 2.<sup>o</sup>, encommendou um almoço ao Snr. Visconde de S. Salvador de Mattosinhos.

A lembrança deve ter sido do Snr. de Cotegipe, estadista da eschola positiva que conhece perfeitamente o mecanismo representativo e sabe que as ideas mais praticas vem do estomago. Tudo o mais é utopia.

O Visconde offereceu o almoço no seu palacio; mas quem hade pagar é o thesouro, no preço da casa, ou em qualquer outro contracto.

E' para isso, para augmentar o luxo dos fidalgos, que o Snr. Cotegipe quer condemnar a população á miseria com a exorbitancia dos direitos de consumo!

E nem ao menos convida para o almoço os deputados e senadores da sua maioria.

..

Vi o n.<sup>o</sup> 26 da *Illustração Brasileira*. Traz quatro gravuras. 1.<sup>a</sup> A esquadra Inglesa em Constantinopla. 2.<sup>a</sup> Um casamento infeliz na Italia. 3.<sup>a</sup> Um chafariz em Constantinopla. 4.<sup>a</sup> os Romeiros-hespanhóes em Roma.

Quanto aos assumptos brasileiros naturalmente se encontrarão nos jornaes illustrados da Turquia.



\*  
\*\*

« Quando a verdade é sabida deve-se julgar por ella ainda quando haja algum erro de processo, »

Isto é « uma maxima de summa razão e direito expresso », descoberta recentemente pelo Snr. marquez de S. Vicente.

Si ha vinte annos elle já a tivesse descoberto, não escreveria os seus *Apointamentos sobre as formalidades do Processo Civil e Criminal* onde provou justamente o contrario.

Tambem o illustre marquez escreveu uma obra sobre a Constituição Brazileira; e hoje faz discursos provando que um regulamento do governo revoga leis.

A sciencia não é como o vinho, que melhora envelhecendo.

\*  
\*\*

Houve enfim a *grande tourada* dos curiosos em beneficio das victimas da inundação.

Nunca a sublime virtude da caridade foi mais enxovalhada.

Dar esmolas maltratando innocentes animaes, fazer beneficencia deleitando-se com a vista do sangue!...

Só desta cidade e destes tempos! Infeliz Rio de Janeiro que em vez de ornar-se das galas da civilisação, está redusida ás antigualhas portuguezas.

Neste caminho d'aqui a pouco, temos os *autos de fé*, com a differença que serão os judeus que vestirão o sanbenito nos christãos.

Disserão-me que a *creme* da sociedade fluminense lá esteve na tourada. Não era preciso diserem-me; eu já sabia.

A nossa fidalgagem gosta do guiso, do estrepito, do espalhafato.

Si fosse a representação de algum drama, toda essa multidão fugia como da peste; e algum que lá apparecesse não resistiria ao somno.

Mas era uma tourada! Que gosto, hem, meninas!

Com razão disse Camões dos avós destes bem aventureados:

*Ditosa condicção, ditosa gente.*

\*  
\*\*

Dois velhos carranças, atrasados um anno ás novidades do seu tempo, conversavam em um bond:

— Já ouviu fallar no contracto das aguas? Dizem que o governo comprou um rio aos inglezes.

— Lá isso não acho máo; nós precisamos.

— Mas vinte mil contos só d'agua!

— Homem, hade ser para lavar aquelles esgotos... Sabe! aquelles da Bahia.

— Talvez. Lembra bem.

\* \*

O *Globo* começou a escrever artigos em chinez.

Fina lembrança !

Agora é que elle vai ser a folha de mais circulação da côrte.

Não é que a população do Rio de Janeiro entenda a lingua de Confucio : mas justamente pela razão opposta.

Toda esta gente que olha com soberano desdem para os livros e publicações escriptas em portuguez correcto e sedico, que se lê com facilidade, vae sem duvida pasmar-se de admiração ante os monossyllabos do celeste imperio.

Si o *Globo* completar a experiencia, e adoptar o typo chinez, que se vê nas caixas de chá e nas cartas de bichas, então não terá mãos a medir.

Em cada rua, e á cada porta, veremos os mercadores abismados na decifração daquellas garatujas; e os senadores, deputados, os homens do commercio, a alta classe em summa perguntará o que tanto excita a curiosidade publica.

— E' o jornal chinez ; responderão.

E todo o mundo quererá ver o jornal chinez; o grande jornal que ninguem entende, mas de que todos fallão. Choverão os assignantes; e o *Jornal do Commercio* para sustentar a competencia será obrigado a recorrer ao snr dr. Baptista Caetano para redigi-lo em classico tupy.

\* \*

Quem não precisa de escrever em chinez é a *Gazeta de Noticias*, o jornal do povo.

Tivemos outr'ora um jornal popular que appellidavam *diario de vintem*, ou *diario da manteiga*.

O primeiro appellido não carece de explicação ; a do segundo é esta. Não sahia das vendas embrulho de manteiga que não fosse daquelle papel.

Os estudantes e caixeiros almoçavam então café com leite, pão com manteiga, e pedacinhos do *Diario do Rio*.

Hoje em dia o *Diario do Rio* é compadre do governo ; tem a honra de servir para chapéo armado dos filhos dos senadores e ministros ; mas já não embrulha manteiga, nem se encontra nas lojas e armazens.

A *Gazeta de Noticias*, essa anda por toda a parte ; os seus leitores a procurão com soffreguidão e a leem com prazer.

E' a melhor de todas as escholhas que existem nesta corte; porque ahi aprendem, não a soletrar mecanicamente como nas outras, mas a lêr, os meninos grandes, que são as peiores crianças.



Esta opinião que temos da *Gazeta* autorisa-nos a dar-lhe um conselho.

Mude o seu chronista parlamentar, ou chame-o á ordem. Esse *prud'homme* está compromettendo a siseudez e imparcialidade da folha.

A semana que findou a 17, toda consagrada ao voto de graças, foi a mais importante da sessão.

Bastavam os dois importantes discursos do ministro da fazenda, e a declaração que fez o duque de Caxias, para assignalar essa discussão.

O chronista arrolhou-se, e reduziu a *semana parlamentar* á si, e ao sr. Carlos Peixoto.

Podia fazel-o; mas não sob o titulo que adoptou; pois é illudir o publico, e desconhecer a missão do jornalista.

O ministerio declarou em um artigo entrelinhado que o sr. Alencar *faz rancho á parte*.

Ficamos sabendo que o ministerio faz seu rancho no governo, para si e para a maioria.

Tolo é quem o não aproveita; e merece que nesta epocha de liberalidade e franqueza o chamem *sui generi*.

Os fanaticos do sr. Duque de Caxias começam a investir contra o herege que ousou olhar em face o idolo, e não adoral-o.

Uma das retalições é depreciar as obras litterarias do autor do *Guarany* e do *Gaúcho*.

Isso não é para duques e seu sequito; além de que o escriptor já não se occupa com taes desabafos, que são bons annuncios para o seu editor.

Ha, porém, um romance mais facil de criticar: é o da biographia do duque de Caxias; não que ella deixe de ser gloriosa; mas porque a biographia dos homens vivos escripta por amigos, só contém a face brilhante, ficando na sombra a verdade mais severa a que só a historia dá o relevo.

Essa biographia é um escripto politico, e de occasião. Foram artigos de jornal, destinados a manifestar ao illustre marechal o reconhecimento do paiz pelo civismo com que em sua idade avançada acceptava o difficil commando de nossos exercitos.

Colligiram esses artigos anonymos e fizeram delle uma biographia, com a qual se apresentam agora os fanaticos a lançar em rosto ao presumido autor e como uma contradicção a defeza que dizem ter elle feito do idolo!

Elles bem sabem quem é o autor dessa biographia, á qual um escriptor, por pedido de amigo intimo, encarregado de fazel-a, deu fórma litteraria, desenvolvendo os factos.

c-12



